J. E. G. REBELLO DA FONTOURA.

Class PQ9155
Book .A2D5
1847

CANCIONEIRO

D'ELREI D. DINIZ.

PARIZ. — NA TYPOGRAPHIA DE FAIN E THUNOT,
RUA RACINE, 28.

03-29065

Cancioneiro
D'ELREI D. DINIZ,

PELA PRIMEIRA VEZ

IMPRESSO SOBRE O MANUSCRIPTO DA VATICANA,

COM

ALGUMAS NOTAS ILLUSTRATIVAS,

E UMA PREFAÇÃO HISTORICO-LITTERARIA

PELO

Dr CAETANO LOPES DE MOURA.

PARIZ.

EM CASA DE J. P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1847.

PQ9155
.A2D5
1847

03-29065

26805
-03

THE LIBRARY
OF CONGRESS

PREFAÇÃO.

Tão admiravel, tão superior parece á alçada do humano entendimento a instituição e organização primitiva das sociedades, que todas as nações á porfía, e como de industria, se esmerárão em rodear de prodigios os seus primordios. Os legisladores, e em geral, todos aquelles que lançárão os primeiros alicerces do edificio social, e fundárão republicas e imperios, forão reputados por outros tantos entes privilegiados, e inspirados dos deoses, e o respeito, que

em todos os tempos lhes hão tributado os povos que vivião á sombra de suas leis, era justificado pela utilidade, que d'ellas lhes provinha, e pelos numerosos beneficios, que d'aquella nova ordem de cousas dimanavão. Com effeito devião parecer-lhes mais que homens aquelles, que d'entre os outros a tal ponto se estremavão.

De igual respeito forão credores os que com seus escriptos contribuírão para a instrucção, e civilização dos povos, e entre estes tivêrão sempre o primeiro lugar os poetas, não só porque o seu modo de dizer, sendo mui differente do vulgar, e mais expressivo e animado, devia necessariamente gravar-se mais profundamente na memoria, mas tambem por haverem os poetas precedido aos demais escriptores. Antes de possuir um orador ou historiador, teve a Grecia innumeraveis poetas, e entre os Romanos, antes de florecerem os Ciceros, Sallustios, Titos Livios e Cornelios Nepotes, houve Livios-

Andronicos, Accios, Pacuvios, Afranios, Plautos, Ennios e Lucilios. Assim que, menos admiração nos causaria a serie immensa de escriptores, que illustrárão os seculos modernos, se tiveramos presentes na memoria os nomes e os escriptos dos que lhes preparárão o caminho nos antigos; que aquillo que se colhe na éra presente, as mais das vezes, ha sido semeado nas passadas. Seria pois uma manifesta ingratidão, e uma flagrante injustiça, se, exaltando as producções dos autores Portuguezes, que illustrárão os felizes reinados d'ElRei D. João III° e de seus successores, e encarecendo o merecimento individual dos differentes partos de seus fecundos engenhos, deixassemos sepultados em silencio os nomes, e os escriptos d'aquelles, que lhes hão precedido na mesma carreira. E comtudo que se ha feito até agora, e para que servem as diversas collecções, que dos poetas portuguezes do se-

culo XV° em diante se hão publicado? Na verdade que nada mais são, do que edificios sem alicerces, em quanto se não recolherem, e derem á estampa as poesias dos seculos antecedentes; por isso que só então se poderá ter cabal conhecimento do progresso, e successivo aperfeiçoamento da lingua, que ora fallamos e escrevemos, e de seus primeiros incrementos. Inteirado d'esta verdade, e persuadido que um grande cadebal da portugueza antiga linguagem e da historia da respectiva e primitiva litteratura jazia sepultado nas trévas do esquecimento, e escondido em diversos codices depositados nas livrarias publicas e particulares da Europa, o meritissimo editor da presente publicação, o Snr. J. P. Aillaud, tendo sido informado pelo Snr. J. I. Roquete, professor de litteratura portugueza no collegio Estanislao, que na livraria do Vaticano existia um codice, onde se achavão as poesias d'ElRei D. Diniz, determinou de encher

em parte o vazio immenso, que se observava nesta parte tão essencial da litteratura portugueza, e teve a ventura de o pôr em effeito, graças á illustrada intervenção e patriotico zelo do Exmo Snr. Visconde da Carreira, o qual no meio das importantes occupações annexas ao eminente posto que occupa, acha ainda tempo para empregar-se em tudo quanto diz respeito á antiga litteratura portugueza. A seus desvelos se devem em grande parte a correcção e fidelidade, com que saem pela primeira vez á luz as poesias do Augusto fundador da universidade de Coïmbra, do instituidor da ordem de Christo, que tanto contribuio para dilatar por estranhas terras o nome e a gloria da nação portugueza, d'ElRei D. Diniz emfim, o arbitro, o conselheiro de todos os reis, que no seu tempo imperavão nos diversos Estados, em que a Hespanha se achava repartida.

Muito contribuio por certo para o aperfeiçoa-

mento da lingua portugueza, e para o progresso que as lettras fizerão em Portugal no decurso do seculo XIII°, a longa residencia que fez em Pariz ElRei D. Affonso III°, em quanto conde de Bolonha. Já nesse tempo a universidade d'esta antiga capital gozava d'uma bem merecida celebridade. Os privilegios, que lhe havião sido concedidos por Philippe Augusto, tinhão sido augmentados no reinado de São Luiz: fundárão-se novos collegios, onde se ensinavão as humanas e divinas lettras, e entre elles o da Sorbonna, instituido por José Sorbon, Conego da Sé de Cambrai, confessor d'ElRei, natural d'um lugarejo do seu appellido. Com o favor, que o sancto rei dava ás lettras, acodião de toda parte da Europa á universidade de Pariz os homens mais eminentes em saber, e nella vinhão estudar e graduar-se. Nella vierão instruir-se São Thomás, e São Boaventura, e tambem o celebre Dante, e Bocacio. Casado

em França com a condessa de Bolonha, viuva de Philippe o Crespo, filho d'ElRei Philippe Augusto, o infante portuguez teve todo o vagar de fazer um longo discipulado da sciencia de reinar, e de instruir-se nas lettras, praticando com os homens mais illustrados da Athenas da idade media, e com muitos dos seus conterraneos já ecclesiasticos, já seculares, que o havião acompanhado, ou se lhe tinhão ajuntado, depois que se partira de Portugal, e gozava naquella capital da reputação de instruido e igualmente de esforçado: assim que foi um dos principes, a quem o summo pontifice por bulla assignada em Lyão a 30 de janeiro de 1244 rogou houvesse de acudir aos christãos da Allemanha e d'outros paizes do Norte da Europa, ameaçados d'uma proxima invasão dos Tartaros [1].

[1] Torre do Tombo, liv. 1º das Bullas, fol. 15.

Voltando para Portugal, logo que o infante D. Diniz, seu filho primogenito, começou a medrar em annos, tratou aquelle illustrado monarca de provêl-o de habeis mestres, e fez entre outros escolha do celebre Aimerico d'Ebrard, filho d'um fidalgo francez chamado Guillerme d'Ebrard, senhor de São-Sulpicio em Quercy, o qual foi ao depois elevado por seu real discipulo á dignidade de Bispo de Coïmbra em 1279, no mesmo anno em que succedeo no throno a seu augusto pai [1]. Tinha então o novo monarca 1 annos de idade, e achava-se

[1] Este sabio prelado, bem que cumulado de honras por seu real discipulo, não perdeo de todo o amor á sua patria, e mandou á sua custa edificar um mosteiro, que dedicou á N. S. no valle chamado *Paradis* d'Espagnac, na diocese de Cahors, onde, segundo as suas ultimas vontades, foi sepultado. Devemos estas e outras particularidades, ao Senhor Ferdinand Denis, que tanto tem contribuido para vulgarizar em França as bellezas da historia e da litteratura portugueza.

cercado d'uma roda de fidalgos velhos, que havião brilhado na côrte de seu pai por seus talentos e virtudes, e cujos filhos se ensaiavão para mais tarde illustrar a sua : assim que, seguindo os vestigios de seu illustre progenitor, promoveo em Portugal os estudos, e antes de fundar a universidade, augmentou o numero dos mestres escolas, estabelecidos nas cathedraes e collegiadas, por cuja conta corria a instrucção da mocidade, e pelo mesmo teor o dos conventos e mosteiros, onde se ensinavão as artes liberaes, talvez a medicina, e com certeza a logica, como se deprehende da que para esse effeito compoz o celebre Pedro Julião, que, passados annos, veio a assentar-se na cadeira pontificia com o nome de João XXI.

Entrava já nesse tempo a lingua portugueza em sua adolescencia, com quanto ainda se não achasse de todo em todo depurada das fezes gothicas e dos vocabulos que da Italiana e

Catalã na puericia recebera, com a vinda das Rainhas D. Mafalda e D. Dulce, e começava a tomar posse de quanto se publicava, ou fosse historico, ou judicial, posto de parte o latim barbaro, que até então havia estado em voga em toda a Peninsula, como nol-o estão delatando visivelmente um semnumero de documentos d'esse feliz reinado, e com especialidade a memoravel circular, que no 1º d'Agosto do anno de 1281 fez ElRei D. Diniz passar ácerca da rectidão e brevidade com que os juizes e officiaes de justiça a devião administrar ás partes. A comparação d'esta importante peça, escripta em portuguez, assaz culto para aquelle tempo, e de certo intelligivel com os fragmentos, que se conservão da carta d'Egas Moniz para a sua dama, e mais alguns monumentos remanescentes das primeiras épocas da monarchia, nos fará ver quão sensiveis erão já os progressos, que naquelle reinado havia feito o dialecto

portuguez; porêm o monarca que havia ouvido as lições da sabio Aimerico, e que praticava familiarmente com D. Domingo Jardo, um dos homens mais instruidos d'aquelle tempo, graduado na Universidade de Pariz e bispo primeiro d'Evora, e ao depois de Lisboa, não devia limitar-se a favorecer e amparar as lettras durante o seu reinado, mas sim assegurar-lhes o mesmo favor e amparo nos vindouros, fundando em Lisboa, no anno de 1290, os Estudos Geraes, que se transferírão depois para Coïmbra. Com a fundação da Universidade aperfeiçoou-se ainda mais a lingua portugueza, e conseguintemente a respectiva litteratura, por isso que só então se lançárão as bases de toda a erudição sagrada e profana. Para ambas estas cousas devião grandemente contribuir os sabios estrangeiros, que forão chamados para reger as diversas cadeiras, e as muitas traducções que aquelle illustrado monarca mandou fazer á sua

custa de livros hespanhoes, arabes e latinos. Entre os primeiros citaremos o das Leis das Sete-Partidas, trasladado em portuguez pelo celebre Gregorio Lopes, e entre os segundos a obra do Arabe Rhasis. Assim que, com estes auxilios, a lingua galliziana, que era commum aos Gallegos lutenses e bracharenses, se veio a converter, em razão das modificações que nesse tempo se lhe introduzírão, e com a admissão e adopção de novos vocabulos, em um dialecto distincto, que com o andar dos seculos tinha de vir a ser uma das linguas mais harmoniosas do antigo, e novo mundo.

Não contribuírão menos para o aperfeiçoamente do dialecto portuguez e de sua litteratura as relações d'amizade, que d'ha muito subsistião entre a côrte de Portugal e a de Aragão, cujos monarcas imperavão na Provença; onde desde o reinado de Raimundo IV florecião as lettras, e com especialidade a poesia vul-

gar. Creadores do Parnaso moderno, os trovadores deverião occupar o primeiro lugar entre os poetas da Europa moderna, se o titulo de inventor fosse sempre uma prova indubitavel do merito do invento. Como quer que seja, este unico titulo foi sufficiente para que os trovadores fossem o objecto do respeito e da veneração de todos aquelles, que amavão as lettras e a poesia. O que certo não nos deve causar admiração, se reflectirmos, que nessas eras rudes, sendo tudo escripto em latim, lingua peculiar aos sabios e desconhecida da maior parte da gente, as poesias dos trovadores, por serem escriptas na vulgar, devião de ser naturalmente recebidas com universal applauso. Era um novo prazer, um novo genero de divertimento, inventado para recreio do espirito em um tempo, em que poucos havia, que não fossem encaminhados á satisfação material dos sentidos. Assim que, forão os trovadores mui

bem aceitos em todas as côrtes, convidados a todas as festas, amados dos grandes e das damas, e a muitos d'elles esse dote do engenho foi occasião para se enriquecerem.

Debaixo de tão faustos auspicios, a reputação dos trovadores se espalhou por toda a Europa, de sorte que os proprios soberanos se desvelárão em imitál-os. ElRei D. Affonso o Sabio de Castella, e depois d'elle ElRei D. Diniz forão entre os monarcas da Peninsula os que mais se estremárão neste genero de poesia, de que só poderemos fazer um justo conceito, transportando-nos em pensamento aos seculos, em que elle estava em voga. Com effeito, se, sem attendermos a esta consideração, nos deliberarmos a ler as poesias eroticas de tão remotas éras, assentaremos entre nós, que aquelles paladins que as antigas chronicas nos representão como outros tantos guerreiros intrepidos e indomaveis, nada mais erão que uma multidão

d'homens effeminados, e engolfados nos prazeres sensuaes: o que de certo seria manifesto engano; que bem se vê, que não era na ociosidade e molleza dos Sybaritas, que se poderião ter formado aquelles corpos robustos, e aquellas almas varonís, e que, se no remanso da paz elles se recreavão trovando, assim o fazião por isso que em todos os tempos os homens mais sensatos tiverão de amoldar-se ao gosto dominante do seculo, em que viverão. De sorte que, com serem outros tantos Achilles, a lyra que pulsavão era a de Anacreonte; que não estava em poder d'elles servirem-se de outra. Demais que nessas eras ingenuas, nesses seculos de fé o amor e a devoção erão os unicos assumptos que se tratavão em versos. Sempre em seu principio toda a poesia foi amorosa; o amor era pois tudo para a maior parte dos trovadores, e o monarca portuguez teve de amoldar-se ao gosto do seu seculo, e seguindo o exem-

plo de Tibullo invocava as musas com a unica esperança de ser bem succedido em seus amores, dizendo como elle :

Ad dominam faciles aditus per carmina quero,
Ite procul, Musæ, si nihil ista valent.

Ou como o mesmo poeta se exprime em outro lugar :

Ite procul, Musæ, si non prodestis amanti.

Assim que, o defeito essencial d'aquelle genero de poesia, e por ventura o verdadeiro motivo por que as dos trovadores jazerão tanto tempo sepultadas nas trévas do esquecimento, é talvez a propria uniformidade do assumpto, e do modo com que de ordinario o tratarão; não que o amor não desperte em nossas almas os mais elevados pensamentos, e as mais doces recordações, porêm as mesmas pinturas e imagens, por mais encantadoras que ao principio nos pareção, acabão por enfastiar-nos, e causar-

nos abhorrimento, se sem discontinuar porfião de nol-as apresentar aos olhos do corpo e do entendimento. Pede comtudo a razão, que attentemos na época em que forão compostas as trovas, ou poesias, de que tratamos; que nos lembremos, que nascidos em tempos rudes e apagados, os trovadores se abalançárão a abrir un novo caminho, que trilhárão com gloria sem mestre, e sem ensino: que a essas repetições, que tanto nos dissaboreão, devemos os estribilhos das cantigas d'agora; que não deixão de ter alguma propriedade, ou antes que são outras tantas bellezas poeticas, por isso que exprimem ao vivo a paixão; que não crê o vulgo na dor que é muda, e para o vulgo é que escrevião os trovadores.

Muitos são os autores que hão feito menção das poesias ou trovas d'ElRei D. Diniz. Citaremos por agora os seguintes: Rodrigo Mendes da Silva, no Catalogo da familia Real d'Hespa-

nha, vindo a fallar d'este monarca, diz o que se segue : « *Este Rey compuso los primeros versos en lengua portuguesa.* » Duarte Nunes de Leão, na Chronica do mesmo monarca (a pag. 133), expressa-se quasi nos mesmos termos, dizendo: « *Foi o primeiro que na lingua portugueza sabemos escreveo versos.* » O mesmo chronista, n'um opusculo, que corre com o titulo : *Censura in libellum de Regum Portugaliæ origine, qui fratris Josephi Teixeira nomine circumfertur* (Lisboa, 1595, in-4°), diz a respeito das poesias d'El-Rei D. Diniz o seguinte : *Exstant hodie multa ejus carmina, varia mensura, tam de profanis amoribus, quam de laudibus beatissimæ Virginis Deiparæ, ex quibus apparet imitatum fuisse Lemovices et Avernos poetas.* Vasconcellos (Anacephal. Reg. Lusitan., pag. 79), tratando do mesmo monarca, se exprime nos seguintes termos : « *Latinæ Poeseos adeo studiosus, ut propensionem a natura ejus congenitam facile inspi-*

ceres. quam cum mira arte et industria excoluerit ex iis quæ poetam omnibus numeris absolvunt in summo Rege desideratum est. Lusitanas porro Musas in illo tempore rudes et incultas ab agresti inconcinnitate ad floridos ac lepidos rhythmos vindicare tentavit, neque cœptis ingenium abfuit.

O autor da *Bibliotheca Lusitana*, no artigo consagrado a D. Diniz, faz menção do Cancioneiro de varias obras d'este monarca, *o qual*, diz elle, *appareceo em Roma. quando reinava em Portugal D. João III*, e funda-se na autoridade de Duarte Nunes de Leão e de Brandão na Monarchia Lusitana. D. Antonio Caetano de Sousa, no tomo 1º das Provas da Historia genealogica, pag. 544, publicou uma Memoria dos livros do uso d'ElRei D. Duarte, que disse se conservava n'um livro antigo da livraria da Cartuxa d'Evora, donde á fez copiar o conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. na qual se aponta entre os demais livros o das trovas d'ElRei D. Diniz.

Fr. Martin Sarmiento, nas *Memorias para la Historia de la poesia y de los poetas españoles* (1775, in-4°), cita por extenso e textualmente uma dedicatoria ou proemio, que o Marquez de Santilhana, Conde del Real, etc., dirigio ao Condestavel D. Pedro, filho do infeliz Duque de Coïmbra, que pereceo na desastrada batalha d'Afarroubeira, enviando-lhe as suas poesias, em que se expressava por este teor :

« Acuerdo-me, Sennor muy magnifico, siendo » yo en edat no provecta, mas asaz mozo pe- » queño en poder de mi abuela Doña Mencia de » Cisneros, entre otros libros aver visto un » grant volumen de cantigas, serranas é deci- » res Portuguezes é Gallegos de los quales la » mayor parte eran del Rei Don Dionis de Por- » tugal ; creo, Sennor, fue vuestro bisabuelo, » cuyas obras aquellos que las leian, loaban » de invenciones sutiles é de graciosas é dulces » palabras, etc. »

Advertidamente transcrevemos fielmente quanto se encontra nos escriptores Portuguezes e Hespanhoes relativamente ás poesias do Rei *Lavrador*, para que os nossos leitores se inteirassem da pouca ou nenhuma noticia e conhecimento certo e positivo, que havia da existencia das sobreditas poesias. Nenhum dos autores, que deixamos citados as teve em seu poder, para poder julgar de seu merecimento. O proprio Marquez de Santilhana, unico que as vio, achava-se nessa quadra da vida, em que quasi todas as faculdades de nossa alma, á excepção da memoria, se achão ainda adormecidas. Assim que, tudo o que ácerca das mencionadas poesias se achava relatado nos escriptores d'uma e d'outra nação era puramente tradicional. Faz pois o meritissimo editor um grande serviço ás lettras, e á litteratura portugueza com a presente publicação. Pelo que nos diz respeito, achamo-nos

assas recompensado do trabalho, que com ella tivemos, pelos novos conhecimentos que adquirimos no concernente a uma materia tão abstrusa, como na verdade é a de que estamos tratando, e pela satisfação que experimentamos todas as vezes que atinamos com a verdade, e que podemos rectificar os erros, ou reparar os descuidos dos que nos precedêrão, como agora fazemos no concernente aos diversos biographos d'ElRei D. Diniz. Todos o apregoão pelo primeiro que na lingua portugueza escrevera versos; todos lhe conferem a palma de haver sido o primeiro trovador da sua nação, sem advertirem que a poesia, contemporanea da creação, era semelhante ao fogo de Vesta, que depois de accendido nunca mais se apagava; que se logo no principio da monarchia o celebre Egas Moniz versejava, devia necessariamente de ter havido d' ali em diante uma serie não interrompida de

trovadores tanto mais excellentes, quanto mais aperfeiçoado era o dialecto em que escrevião, e que achando-se o Portuguez já entrado em sua adolescencia, como deixámos ponderado, na regencia e successivo reinado d'ElRei D. Affonso III°, devia de ser grande o numero d'esses antigos, se bem que ainda rudes alumnos das Musas. O codice da Vaticana n° 4803, cujo papel é grosseiro e com barbas, a lettra toda da mesma mão, vermelha a encadernação, e o formato in-4° com obra de dous dedos de grossura, encerra alêm das poesias d'ElRei D. Diniz as de outros muitos trovadores tanto Hespanhoes, como Portuguezes. Pondo de parte os primeiros, de que talvez tenhamos occasião de fallar n'uma dissertação particular, que intentamos dar á luz sobre as poesias dos trovadores em geral, citaremos entre os segundos os nomes de D. João d'Aboim, e de D. Diogo Lopes de Baiam, ambos commissarios nomea-

dos no anno de 1264 para partirem juntamente com os commissarios d'ElRei de Castella a contenda que existia entre as duas corôas sobre os limites dos reinos de Leão e de Portugal [1]. Depois d'estes vem os de D. Affonso Lopes Baiam, filho de D. Diogo, de Rodrigo Annes de Vasconcellos, D. João Soares Coelho, de Estevão Fernandes d'Elvas, de Fernão Fernandes Cogominho, contemporaneo d'ElRei D. Affonso III°, pois que foi um dos confirmantes da doação que no anno de 1261 o sobredito monarca fez a seu filho D. Affonso do castello de Marvão e outros lugares [2]. Apos estes seguem-se os nomes de Payo Gomes Charrinho [3], João Lobeira [4], D. Pero Gomes Bar-

[1] *Corpo diplom. portuguez*, pelo senhor Visconde de Santarem, tom. I°, p. 16 e 24.

[2] Souza, *Hist. genealog.*, tom. I° das Provas, p. 62.

[3] *Livro velho das linhagens*, p. 20.

[4] Foi um dos confirmantes da carta de doação da villa de

roso, Martim Peres d'Alvim, João Vaz [1], Estevão da Guarda [2] e outros muitos, os quaes todos composerão varias trovas que vem no referido codice. D'onde se segue que já no reinado d'ElRei D. Affonso III° andava corrente em Portugal o genero de poesia erotica adoptado pelos Trovadores; que já então o dialecto portuguez havia feito sensiveis progressos; que se ElRei D. Diniz não foi o primeiro que nelle escreveo versos, não se póde negar que levou a todos a palma na facilidade que teve neste particular, e que o codice da Vaticana é, senão o mesmo, uma copia antiga d'aquelle

Lourinhã, passada por ElRei D. Affonso III°, no anno do 1278, em favor de seu filho D. Affonso.

[1] É o autor das trovas que se encontrão a pag. 90 do Cancioneiro do collegio dos Nobres, e que começão pelo seguinte verso: Muyt' ando triste no meu coraçon, etc.

[2] Estevam da Guarda foi grande privado d'ElRei D. Diniz, e um dos seus testamenteiros. Vid. Sousa, *Hist. geneal.*, t. I° das Provas, p. 104.

que o marquez de Santilhana disse haver visto sendo menino em casa de sua avó Dona Mencia de Cisneros.

Já dissemos era o dito codice escripto todo da mesma mão : a lettra, como se vê do *facsimile*, parece tambem ser antiquissima, o que não obstante, os paleographos francezes que consultamos forão de parecer, que era do principio do seculo XV°, por ser ella mui parecida com a franceza, e ser o codice de que tratamos em papel, e não em pergaminho. Com quanto podessemos objectar-lhes, pelo que diz respeito ao papel, com o autor do Elucidario, que no tempo d'ElRei D. Diniz já esta materia era bem conhecida em Portugal, pois que no Tombo velho de São Simão da Junqueira se achou uma provisão Real em papel do anno de 1315, e que o mesmo monarca dez annos antes, e no decurso do de 1305 ordenou por lei aos tabelliões de escreverem as notas

em *livro de papel* : o que concorda com o que diz Dom de Vaines em seu *Diction. diplomat. raisonné.* Ninguem se atreveo até aqui a determinar a época da primeira vez que o papel foi empregado. diz este sabio diplomatista, porêm póde-se, sem receio de incorrer em erro, affirmar que se não póde fixar a invenção do papel antes do seculo XIII°, nem o seu uso ordinario alêm do XIV°, se bem que já elle se houvesse introduzido nos tribunaes e nos archivos, muito tempo antes de se ter estabelecido uma differença entre o papel que servia para os actos publicos, e o que era destinado para os particulares [1]. Quanto ao caracter e talho da lettra, que muito se conforma com a franceza, poderiamos tambem allegar com o já mencionado autor os muitos amanuenses, que em consequencia da decisão tomada

[1] Vid. obra cit., tom II°, p. 171.

pelo concilio de Leão celebrado, segundo o mesmo autor, em 1090, ou mais provavelmente, conforme se encontra escripto na Arte de verificar as datas, em 1091, se mandárão vir de França para copiarem em lettra franceza todos os livros ecclesiasticos, abolida por uma vez a gothica, lombarda ou toletana que Ulphilas, Bispo dos Godos, havia posto em voga, e que é mui natural que dos livros ecclesiasticos passasse este novo modo de escrever para as escripturas particulares; não que pertendamos sustentar, que o uso da lettra e escriptura franceza se tornasse d'ali em diante universalmente adoptado em todo o Portugal; mas o certo é, que a maior parte dos Portuguezes se sujeitárão á decisão do Concilio, como se deprehende da lei promulgada por ElRei D. João I°, em virtude da qual era defeso aos tabelliões mouros de fazerem escripturas pu-

blicas em lettra arabica, ou qualquer outra, e pelo mesmo teor aos Judeos em lettra hebraica, mas sómente em lettra christenga portugueza.

Como porêm não fossemos idoneos para dar talho em tão difficil questão, deixamos a decisão d'ella ao arbitrio dos paleographos portuguezes, unicos juizes competentes em tão importante assumpto.

Não cabe nos limites d'uma simples prefação mais longo arrezoado; assim que resistimos á tentação que nos impellia a fazer d'uma maneira succinta a historia dos nossos trovadores comparados com os da Hespanha, Italia e França, tanto provençaes como avernos; porêm se esta publicação fôr bem recebida dos amigos da antiga litteratura, talvez o meritissimo editor d'ella se animará a dar á estampa uma collecção completa dos trovadores e poetas portuguezes anteriores ao seculo XV°, e então

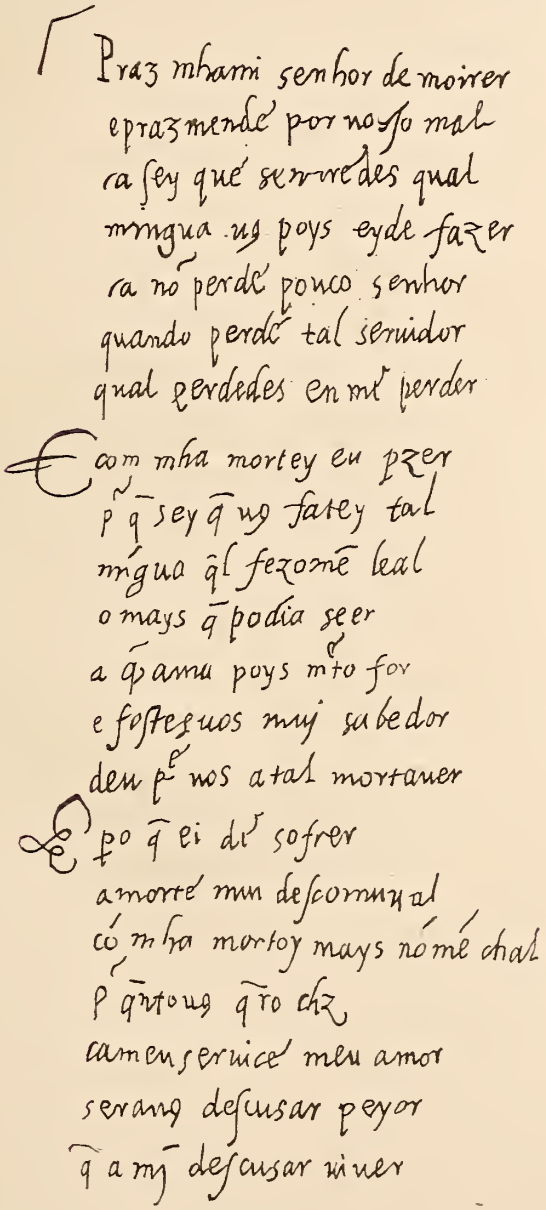
teremos occasião de pôr em effeito o nosso projecto.

Resta-nos solicitar a indulgencia de nossos leitores no concernente a uma producção de tão remota era, e esperamos que relevem as faltas que tivermos commettido, bem como a rudeza das poesias d'ElRei D. Diniz, lembrados de que escrevia em uma lingua, que ainda se não achava bem polida, e que com quanto se tenha aperfeiçoado no longo espaço de cinco seculos, conserva ainda algum ressabio de sua antiga rustiqueza, de sorte que podemos dizer, como Horacio o dizia no tempo d'Augusto: *Hodieque manent vestigia ruris.*

Para facilitar a leitura, por conselho de pessoas bem entendidas nesta materia, assentou o editor de separar as diversas partes da oração que no Mss. se achavão unidas e confundidas entre si, supprindo com apostrophos as elisões, e fazendo um uso razoavel dos demais signaes

orthographicos, pelo memo teor que hão feito em França em caso identico MM. Raynouard, de Roquefort, Paulin-Paris e outros muitos, e em Hespanha D. Thomas Antonio Sanchez.

Fac-simile
do Codice da Vaticana
em que se achão as Poesias
d'El-Rei Dom Denis.



Praz mhami senhor de moirer
e praz mende por vosso mal
ca sey que servredes qual
mingua vos poys eyde fazer
ca no perde pouco senhor
quando perde tal seruidor
qual perdedes en mi perder

E com mha mortey eu pzer
p q sey q vos fatey tal
mingua ql fezome leal
o mays q podia seer
a q amu poys mto for
e fostes vos muj sabedor
deu pe vos a tal mortauer

E po q ei di sofrer
a morte mui descomunal
co mha mortoy mays no me chal
p qntous qro chz
ca meu seruice meu amor
seranos descusar peyor
q a mj descusar viuer

EL REY DOM DENIS.

Praz m'ha mĩ, senhor, de moirer
E praz m'ende por vosso mal,
Ca sey que sentiredes qual
Mingua vos poys ey de fazer,
Ca nõ perdé pouco, senhor,
Quando perdé tal servidor,
Qual perdedes en me perder.

E com minha mort' ey eu prazer,
Por que sey que vos farey tal

Mingua, qual fez omem leal
O mays que podia seer
A quẽ ama poys morto for,
E fostes vos muj sabedor
D'eu por vos a tal mort' a ver.

E pero que ey de sofrer
A morté mui descomunal,
Co' minha mort' oy mays nõ me chal [1],
Por quanto vos quero dizer
Ca meu serviç', e meu amor
Será vos d'escusar peyor
Qu' a mĩ d'escusar viver.

[1] *Chal* ou *cal*, verbo defectivo ou impessoal da lingua romana que significa fazer caso, e que com a negativa e pronome que o precede equivale á phrase portugueza: não se me dá.

E certo podedes saber
Que pero esso [1] meu tempo sal [2],
Per mort' e nõ a ja hi al
Que me non quer' end'eu doer:
Poys a vos farey mayor
Mingua que fez nostro senhor
De vassal a senhor prender.

Oy mays quer' eu ja leixá lo trobar,
E quero me desenparar d'amor,
E quer' ir algunha terra buscar
Hu nũca possa seer sabedor
Ela de mĩ, nẽ eu de minha senhor,
Poys que lh'é, d'eu viver aqui, pesar.

[1] *Esso*, d'esta maneira, assim mesmo.

[2] *Sal.* Terceira pessoa do presente do verbo salir. — Sair do mundo, morrer. Vejase o Elucidario.

Mays deus! que grave cousa d'endurar
Qu' a mĩ será hir me d'u ela for,
Ca sey muj bẽ que nunca poss' achar
Nẽhua cousa ond'aja sabor,
Senõ da morte, mays avrey pavor [1]
De m'ha non querer deus tã cedo dar.

Mays se fez deus a tã gran coita par,
Com'é a de que serey sofredor,
Questa de m'agora ouver d'alongar
De questa terra hu est [2] a melhor

[1] *Pavor* ou *paor*, donde os Francezes fizerão *peur*, medo, receio. Neste sentido se servio d'esta palavra o autor do romance de Flamenca, escripto no seculo XIII, nos seguintes versos :

Car l'esperança trop segura
Non a tan de bono sabor
Con s'il que se mescla ab paor.

[2] *Est*, Terceira pessoa do verbo roman *Esser* ou *seer*, *è* ou *he*, como agora dizémos.

De quantas son, e de cujo leor
Nõ se pode por dizer acabar.

Si vi en vós a nenhum mal, senhor,
Mal mi venha d'aquel che pod'e val,
Se nõ que matades mi pecador
Que vos servi sempr' e vos fui leal,
E serey ja sempr' en quant' eu viver
E senhor, non vos venh' esto dizer
Pelo meu, mays por qu' a vós está mal.

Ca par deus mal vos per está, senhor, [1]
Desy é cousa mui descomunal
De matardes mi, qu'eu merecedor

[1] A preposição *per*, anteposta ao infinito dos verbos *estar* e *ser*, é muito usada na lingua italiana, com as significações de *correr risco*, *faltar pouco para*, *estar para*, etc. (Diccion. de la Crusca.)

Nũca vos foy de mort' e poys que al
De mal nũca deus en vós quis poer [1],
Por deus, senhor, nõ queirades fazer
En mĩ agora que vos esté mal.

Que razon cuydades vós, minha senhor
Dar a deus, quand' ant' ele fordes, por mi
Que matades, que vos non mereci
Outro mal, senõ se vos ey amor,
Aquel mayor que vol' eu poss' aver,
Ou que salva [2] lhi cuydades fazer
Da minha morte, poys por vós morto for?

Ca na minha morte non a razon
Boa que ant' el possades mostrar;

[1] *Poer*. Pôr e no preterito Pugy. Docum. de 1312.

[2] *Fazer salva* ou *salvar*. Justificar-se, livrar-se da culpa de que é accusado.

Desy non o er [1] podedes enganar,
Ca el sabe ben que de coraçon
Vos eu amé, nunca vos errey,
E poren quen tal feyto faz bẽ sey,
Qu'en deus nunca pod'achar perdon.

Ca de pran deus nõ vos perdoará
A minha morte, ca el sabe mui ben
Ca sempre foy meu sabor e meu sen
En vos servir, er sabe mui ben,
Que nunca vos mereci por que tal
Morte por vós ouvesse, poren mal
Vos será, quand' ant' el formos alá.

[1] *Er*. Pronome pessoal indeclinavel da 1ª e 3ª pessoa. Em lugar de *El* segundo o A. do Elucidario. J. P. Ribeiro nas Dissert. chronol. e criticas, t. 4, p. 2. App. 6°, p. 121. Corrigindo o Elucidario affirma que *Er* ou *Her* foi sempre uma particula expletiva da lingua, e nũo suppletoria do artigo. Mr Raynouard no *Lexique roman* traduz er por presentemente, agora.

Quant' eu, fremosa minha senhor,
De vós receey aveer,
Muyt'er sey que non ey poder
De m' agora guardar que non
Veja mays tal confort'ey
Que aquel dia morrerey,
E perderey coytas d'amor.

E como quer que eu mayor
Pesar nõ podesse veer,
De que entõ verey, prazer
Ey ende, se deus mi perdon,
Porque por morte perderey
Aquel dia coyta que ey,
Qual nũca fez nostro senhor.

E pero ey tã gram pavor
D'aquel dia grave veer,
Qual vos sol nõ posso dizer;
Confort'ey no meu corazon,
Perque por morte sayrey
Aquel dia do mal que ey
Peyor do que deus fez peyor.

Vós mi defendestes, Senhor,
Que nunca vos dissesse ren,
De quanto mal mi por vós ven;
Mays fazede me sabedor
Por deus, senhor, a quen direy
Quam muyto mal levey
Por vós, senon a vós, senhor?

Ou a quen direy o meu mal,
Se o eu a vós non disser,
Poys calar me non m'é mester,
E dizer vol'o nõ m'er val?
E poys tanto mal soffr'assy
Se cõvosco nõ falar hi,
Per quen saberedes meu mal?

Ou a quen direi o pesar
Que mi vós fazedes sofrer,
Se o a vós non for dizer
Que podedes conselho dar?
E por en se deus vos perdon,
Coyta deste meu coraçon!
A quen direy o meu pesar?

Como me deus aguysou [1] que vivesse
En gram coyta, senhor, des que vos vi!
Ca logo m'el guysou que vos oy
Falar, desy quis que er conhecesse
O vosso ben, a quẽ el non fez par,
E tod'aquesto m'el foy aguysar
En tal qu'eu nunca coyta perdesse.

E tod' est'el quis que eu padecesse
Por muyto mal que me lh'eu menti,
E de tal guisa se vingou de mi,
E cõ tod' esto non quis que morresse,
Porque era meu ben de non durar
En tã gram coyta, nẽ en ta gram pesar,
Mays quis que tod' este mal eu sofresse.

[1] *Aguysar*, *aqaisar* ou *guisar*. Dispôr, preparar, a promptar, etc.

Assy non er quis que m'eu percebesse
De tan gram meu mal, nen o entendi,
Ante quis el que por viver assy,
E que gram coyta non mi falecesse,
Que vos viss'eu, hu m'el fez desejar
Des entõ morte, que me non quer dar,
Mays que vivendo peyor attendesse.

Nunca deus fez tal coyta qual eu ey
Cõ a rem do mundo que mays amey,
E desque a vi e am' e amarey;
N'outro dia quando a fui veer
O demo lev'a rem que lh'eu faley
De quanto lh'ante cuydara dizer.

Mays tanto que me d'ant'ela quitey,
Do que ante cuydava me nembrey,
Que nulha cousa ende non minguey;
Mays quand' er quis tornar pola veer
Alho dizer, e me ben esforcey,
De lho contar sol [1] non ousy poder.

Da minha senhor que eu servi
Sempr'e que mays c'a mi amey,
Veed' amigos que tort' ey [2];
Que nunca tam gram torto vi,
Ca pero a sempre servi,
Grand'é o mal que minha senhor
Mi quer, mays quero lh'eu mayor

[1] *Sol.* Somente, ao menos, tão somente, nem sequer. Docum. de Tarouca de 1312. Elucid.

[2] *Torto.* Injuria, damno, lesão. Vocabulo do seculo XIII.

Mal que posso, s'ey por gram ben
Lhe querer mays c'a mi, nen al,
E se aquest' é querer mal
Est' é o que a mĩ aven [1]:
Ca pero lhe quero tal ben,
Grand' é o mal que minha senhor
Mi quer, mays quero lh'eu mayor

Mal que posso, se per servir,
E pela mays c'a mi amar,
Se est' é mal, a meu cuydar,
Este mal non poss'eu parar;
Ca pero que a fui servir.
Grand' é o mal que minha senhor
Mi quer, mays quero lh'eumayor

[1] Do verbo *Avir*, acontecer, succeder, caïr em sorte a alguem.

Mal que poss' e pero *nozir*
Non mi devia desamor
Col que no ben nõ a melhor.

En gran coyta senhor
Qu' é peyor que morte
Vivo per boa fé e polo voss'amor,
Esta coyta sofr' eu
Por vós, senhor, que eu
Vi polo meu gram mal,
E melhor mi será
De moirer por vós já;
E pero se me deus non val,
Esta coyta sofr' eu
Por vós, senhor, que eu
Vi polo meu gram mal.

Polo meu gram mal vi,
E mays mi val morrer
Ca tal coyta soffrer,
Poys por meu mal assy
Esta coyta sofr' eu
Por vos senhor, que eu vi,
Por gram mal de mi,
Poys tam coytad' and' eu.

Senhor, poys que m'agora deus guysou
Que vos vejo, e vos posso falar,
Quero vol'a minha fazenda mostrar,
Que vejades como de vós estou.
Ven mi gram mal de vós, ai minha senhor!
En quen nunca pos mal nostro senhor.

E senhor, gradesc' a deus este ben,
Que mi fez en mi no fazer veer;
E minha fazenda vos quero dizer
Que vejades o que mi de vós aven;
Ven mi gram mal de vós, ai minha senhor!
En quen nunca pos mal nostro senhor.

E non sey quand vos ar [1] veerey
E por en vos quero dizer aqui
Minha fazenda que vos sempre encobri,
Que vejades o qu'eu de vós ey.
Ven mi gram mal de vós, ai minha senhor!
En quen nunca pos mal nostro senhor,
Ca non pos en vós mal nostro senhor
Senon quant' a mi fazedes, senhor.

[1] *Ar* por *er*.

Poys minha ventura tal é ja,
Que sodes tam poderosa
De mĩ, minha senhor fremosa,
Por mesura [1] que en vós a,
E por ben que vos estará,
Poys de vós non ey nenhun ben,
De vos amar non vos pes en, senhor.

E poys por ben non teedes,
Que eu aja de vós grado
Por quant' affan [2] ey levado
Por vós, c' assy queredes
Minha senhor fé que devedes
Poys de vós non ey nenhun ben
De vos amar non vos pes en, senhor.

[1] *Mesura*. Generosidade, urbanidade, cortesia.

[2] *Afan* ou *affan*. Subst. m. da lingua romana, pena, afflicção.

E lume destes olhos meos,
Poys m'assy desemparades,
E que me grado non dades
Como dam outr' aos seos;
Minha senhor, pelo amor de deos
Poys de vós non ey nenhun ben,
De vos amar non vos pes en,
E eu non perderey o sen,
E vós non perdedes hi ren, senhor.

Senhor, dizen vos pór men mal,
Que non trobo con voss' amor,
Mays c' amey de trobar sabor;
E non mi valha deus, nen al,
Se eu trobo por m'en pagar,
Mays faz me voss' amor trobar.

E essa que vos vay dizer,
Que trobo, porque me pagu'en,
E non por vós que quero ben,
Mente, ca non veja prazer,
Se eu trobo por m'en pagar,
Mays faz me voss' amor trobar.

E pero quen vos diz que non
Trobo por vós que sempr' amey,
Mays por gram sabor que m'end' ey,
Mente, ca deus non mi perdon,
Se eu trobo por m'en pagar,
Mays faz me voss' amor trobar.

Tan muyto mal mi fazedes, senhor,

E tanta coyta e afan levar
E tanto me vejo coytad' andar,
Que nunca mi valha nostro senhor,
Se ant' eu já non queria morrer,
E se mi non fosse mayor prazer.

En tã gram coyta vyv'a gram sazon
Por vós, senhor, e levo tanto mal,
Que vos non posso, nen sey dizer qual,
E por aquesto, deus non mi perdon,
Se ant' eu já non queria morrer,
E se mi non fosse mayor prazer.

Tam muyt' é o mal que mi por vós ven,

E tanta coyta lev' e tant' affan [1],
Que morrerei con tanto mal de pran;
Mays pero, senhor, de vós non mi vẽ ben
Se ant' eu já non queria morrer,
E se mi non fosse mayor prazer.
Ca mays meu ben é de morte sofrer
Ante, ca sempr' en tal coyta viver.

Grave vos é de que vos ey amor,
E par deos aquesto vej' eu muy ben,
Mays enpero direy vos hũa ren
Per boa fé, fremosa minha senhor,

[1] Ja dissemos que esta palavra, que se encontra bem vezes em alguns dos nossos classicos, nos veio, como outras muitas, da lingua romana, ou romance; citaremos um exemplo tirado do poema que já mencionamos de Flamenga.

E'l toste peure fai oblidar
L'afan c'om trai al demandar.

O receber logo faz olvidar
A pena que causa o demandar.

Se vos grav' é de vos eu ben querer,
Grave est a mĩ; mays non poss' al fazer.

Grave vos é, ben vej' eu qu' é assy,
De que vos amo mays c' a mĩ, nen al,
E quest' é minha morte é meu mal,
Mays por deus, senhor, que por meu mal vi,
Se vos grav' é de vos eu ben querer,
Grave est a mi, mays non poss' al fazer.

Grave vos est assy, deus mi perdon.
Que non podia mays per boa fé
De que vos am' e sey qu' assy é;
Mays por deus, coyta do meu coraçon,
Se vos grav' é de vos eu ben querer;
Grave est a mi, mays non poss' al fazer.

Pero mays grave devia mi de seer,
Quant' é morte mays grave ca viver.

Poys que vos deus fez, minha senhor,
Fazer do ben sempr' o melhor,
E vos en fez tam sabedor,
Hunha verdade vos direy,
Se mi valha nostro senhor,
Erades boa pera rey.

E poys sabedes entender
Sempr' o melhor, e escolher;
Verdade vos quero dizer,
Senhor, que servo e servirey,
Poys vos deus a tal foy fazer,
Erades boa pera rey.

E poys vos deus nunca fez par
De bon sen, nen de ben falar,
Nen fará já, a meu cuydar,
Minha senhor, per quanto ben ey,
Se o deus quisesse guysar,
Erades boa pera rey.

Senhor, des quando vos vi,
E que fui vosco falar,
Sabed' agora per mi,
Que tanto fui desejar
Vosso ben, e poys é assy
Que pouco posso durar,
E moyro m'assy de chão,
Por que me fazedes mal,
E de vós non avrey al,
Minha morte tenho na mão.

Ca tã muyto desejey
Aver ben de vós, senhor,
Que verdade vos direy,
Se deus me dé voss' amor,
Por quanto ieu [1] crer sey
Con cuydad' e con pavor
Meu coraçon non é são,
Porque mi fazedes mal,
E de vós non avrey al,
Minha morte tenho na mão.

E venho vol' o dizer,
Senhor do meu coraçon,
Que possades entender

[1] *Ieu*. Variação do pronome *eu* da lingua dos Trobadores, como se vê a cada passo no Romance de Flamenca :

« Mais voil que sia castellana,
E qu' ieu la veia la semana, etc. »

Como prendi o cajon, [1]
Quando vos fui veer;
E por aquesta razon
Moyr' assy servind' en vão,
Porque a mĩ fazedes mal,
E de vós non avrey al,
Minha morte tenho na mão.

Hun tal homẽ sey eu, ay ben talhada
Que por vós ten a sa morte chegada:
Vedes quen é, e seede nenbrada;
Eu, minha dona.

Hun tal homẽ sey que pouco sente

[1] *Cajon*, *cajom* ou *cajão*. Desastre, infelicidade, desgraça, infortunio.

Dessy morte certamente :
Vedes quen é, venha vos en mente ;
Eu, minha dona.

Hun homẽ sey, aquest' oyde,
Que por vós morre, e nõ lo partide [1] :
Vedes quen é, non se vos obride ;
Eu, minha dona.

Pero que eu muy long' estou
De minha senhor e do seu ben,
Nunca me dê deus o seu ben,
Pero m'eu ca long' estou,

[1] Partir.— Apartar dos outros, distinguir, attentar em, etc.

Se non é o coraçon meu
Mays preto della, que o seu.

E pero long' estou d'ali
D'u agora é minha senhor,
Non aja ben da minha senhor,
Pero m'eu long' estou d'ali,
Se non é o coraçon meu
Mays preto dela, que o seu.

E pero longe do logar
Estou, que non poss' al fazer,
Deus nõ mi dê o seu bẽ fazer,
Pero long' estou do logar,

Se non é o coraçon meu
Mays preto d'ela que o seu ;
Ca vezes ten en al o seu ,
E sempre sigo ten o meu.

Sempr' eu , minha senhor, desejei
Mays que al, e desejarey
Vosso ben, que mui servid' ey
Mays non cõ a sperança
D'aver de vós ben, ca ben sey
Que nunca de vós averey
Senon mal , e viltança [1].

Desej'eu mui mays d'outra ren

[1] Opprobrio , confusão.

O que mi pequena prol ten,
Ca desej' eu vosso ben,
Mays non con a sperança
Que aja do mal, que mi ven
Por vós nẽ galardon por en
Senon mal, e viltança.

Desej' eu con muy gram razon
Vosso ben, se deus mi perdon,
Muy mays de quantas cousas son,
Mays non con a sperança
Que sol coyde no coraçon
Aver de vós por galardon
Senon mal e viltança.

Se eu podess' ora meu coraçon,

Senhor, forçar e poder vos dizer,
Quanta coyta me fazedes sofrer
Por vós, cuyd' eu, assy deus me perdon,
Que averiades doo de mi,
Ca, senhor, pero mi fazedes mal,
E mi nunca quisestes fazer ben,
Se soubessedes quanto mal mi ven
Por vós, cuyd' eu par deus que pod' e val,
Que averiades doo de mi.

E pero m'havedes gram desamor,
Se soubessedes quanto mal levey,
E quanta coyta desque vos amey,
Por vós cuyd' eu per boa fé, senhor,
Que averiades doo de mi,
E mal seria se nõ foss' assy.

Quant'a senhor, que m'eu de vos parti,
A' tam muyto que nunca vi prazer,
Nen pesar, e quero vos eu dizer
Como prazer nen pesar nen er,
Perdi o sen, e non poss' estremar
O ben do mal, nen prazer do pesar.

E desque m'eu, senhor, per boa fé
De vós parti, creed' agora ben,
Que non vi prazer, nen pesar de ren,
E aquesto direy vos, por que perdi o sen.
Ca, minha senhor, ben des aquela vez
Que m'eu de vós parti, no coraçon
Nunca ar ouv' eu pesar des enton,
Nen prazer, e direy vos quen m'o fez:
Perdi o sen, e non poss' estremar
O ben do mal, nen prazer do pesar.

Hunha pastor se queixava
Muyt' estando n'outro dia
E sigo medes falava,
E chorava e dizia
Con amor que a forçava :
Par deus, vi t'en grave dia,
Ay, Amor!

Ella s'estava queixando,
Como mulher con gran coyta,
E que a pesar des quando
Nacera non fora doyta ;
Por en dizia chorando :
Tu, non és senon vãa coyta.
Ay, Amor!

Coytas lhe davan amores,
Que non lh' eran senon morte,
E deytou se antre ũas flores,
E disse con coyta forte :
Mal te venga per hu fores,
Ca non és senon minha morte.
Ay, Amor!

Ora vejo ben, minha senhor,
Que me non ten nenhũa prol
De no coraçon cuydar sol
De vós, senon que o peyor
Que mi vós poderdes fazer
Faredes a vosso poder.

Ca non atend'eu de vós al,
Nen er passa per coraçon,
Se nostro senhor mi perdon,
Senon que aquel mayor mal
Que me vós poderdes fazer,
Faredes a vosso poder.

E sol nõ met' eu en cuydar
De nunca de vós aver ben,
Ca sõo certo d'ũa ren,
Que o mays mal, e mays pesar
Que mi vós poderdes fazer,
Faredes a vosso poder;
Ca deus vos deu end'o poder,
E o coraçon de m'o fazer.

Quen vos muy ben visse, senhor,
Con quaes olhos vos eu vi,
Mui pequena sazon ahi;
Guysar lh'ia nostro senhor
Que vivess' en mui gram pesar,
Guysando-lho nostro senhor,
Como m'a mi foy guysar.

E quen vos ben con estes meos
Olhos visse, creede ben,
Que se non perdess' ant' o sen,
Que ben lhe guysaria deos
Que vivess' em muy gram pesar,
Se lho assy guysasse deos,
Como m'a mi foy guysar.

E senhor, quen algũa vez
Com quaes olhos vos catey [1]
Vos catasse, per quant' eu sey
Guysar lh'ia quen vos tal fez
Que vivess' em muy gram pesar,
Se lho assy guysasse deos,
Como m'a mi foy guysar.

Nostro senhor, ajades bon grado
Por quanto m'oje minha senhor falou;
E tod' esto foy, por que se cuydou
Que andava d'outra namorado;
Ca sey eu ben que mi non falara,
Se de qual ben lh'eu quero cuydara.

[1] Ver, contemplar, examinar.

Por que mi falou oj' este dia, [1]
Ajades bon grado nostro senhor.
E tod' esto foy por que minha senhor
Cuydou qu'eu por outra morria;
Ca sey eu ben, que me non falara,
Se de qual ben lh'eu quero cuydara.

Porque m'oje falou aja deos
Bongrado, mays desto non fora ren,
Senon porque minha senhor cuydou ben,
Que d'outra eran os desejos meos;
Ca sey eu ben, que me non falara,
Se de qual ben lh'eu quero cuydara.
Ca tal é que ante se matara
Ca mi falar, se o sol cuydara.

[1] *Oj*, *oi*, *oy* por hoje. Usado pelos trovadores, ex.:
Non es oi mais fin barats.
Não ha hoje senão puro engano.

A minha senhor qu'eu por mal de mi
Vi, e por mal d'aquestes olhos meos,
E por quen muytas vezes maldezi
Mi, e o mund' e muytas vezes deos;
Desque a non vi, non er vi pesar
D'al, ca nunca me d'al pude nembrar.

A que mi faz querer mal mi medes
E quant' amigos soya aver,
E desperar de deos, que mi pes,
Pero mi tod' este mal faz sofrer,
Des que a non vi, non ar vi pesar
Dal, ca nunca me d'al pude nembrar.

A porque mi quer este coraçon

Sayr de seu logar, e porque já
Moyr' e perdi o sen, e a razon,
Pero m'este mal fez, e mays fará,
Desque a non vi non ar vi pesar
D'al, ca nunca me d'al pude nembrar.

Poys que vos deos, amigo, quer guysar,
D'irdes a terra d'u é minha senhor,
Rogo vos ora, que por qual amor
Vos ey, lhe queirades tanto rogar,
Que se doya já do meu mal.

E d'irdes hi tenh'eu que mi fará
Deos gran ben, poys la podedes veer,
E amigo punhad' en lhe dizer

Poys tanto mal sofro grã sazon a,
Que se doya já do meu mal.

E poys que vos deos aguysa d'ir hi,
Tenh' eu que mi fez el hi mui gran ben,
E poys sabed lo mal que mi ven,
Pedide lhe mercee por mi,
Que se doya já do meu mal.

A tal estado m'adusse[1], senhor,
O vosso ben, o vosso parecer,
Que non vejo de mi, nen d'al prazer,

[1] Aduzir. — Conduzir, trazer.

Nen veerey já en quant'eu vivo for
Hu non vir vós, qu'eu por meu mal vi.

E queria minha morte, e non mi ven,
Senhor, porque tamanho é o meu mal,
Que non vejo prazer de mi, nen d'al,
Nen veerey já, esto creede ben,
Hu non vir vós, qu'eu por meu mal vi.

E poys meu feyto, senhor, assy é,
Queria já minha morte, poys que non
Vejo de mi, nen d'al nulha sazon
Prazer, nen veerey já per bona fé,

[1] *Osmar* ou *esmar*. Conjecturar, conhecer, attingir com alguma cousa

Hu non vir vós, qu'eu por meu mal vi,
Poys non avedes mercee de mi.

O que vos nunca cuydey a dizer
Con gran coyta, senhor, volo direy,
Porque me vejo já por vós morrer;
Ca sabedes que nunca vos faley
De como mi matava voss' amor;
Ca sabe deos ben que d'outra senhor
Qu'eu non avya mi vos chamey.

E tod' aquesto mi fez fazer
O mui gram medo qu'eu de vós ey,
E desy por vos dar a entender
Que por outra morria, de que ey,

Ben sabe deos, mui pequeno pavor,
E des oy mays, fremosa minha senhor,
Se me matardes, ben volo busquey.

E creede que averey prazer
De me matardes, poys eu certo sey,
Que esse pouco que ey de viver
Que nenhũ prazer nunca veerey;
E porque sõo desto sabedor,
Se mi quizerdes dar morte, senhor,
Por gran mercee vol'o teerey.

Qu'é mui gran prazer, que eu ey, senhor,
Quand'en vós cuyd' e non cuydo no mal,
Que me fazedes; mays direy vos qual;

Tenh'eu por gran maravilha, senhor,
De mi vir de vós mal, hu deos non
Pos mal, de quantos en no mundo son.

E senhor fremosa, quando cuyd'eu
En vós, e non en o mal que mi ven
Por vós, tod'aquel temp' eu ey de ben;
Mays por gran maravilha pero tenh' eu
De mi vir de vós mal, hu deos non
Pos mal de quantas en no mundo son.

Ca senhor, mui gram prazer mi per é
Quand'en vós cuyd' e non ey de cuydar
En que questo mal mi fazedes levar;
Mays gram maravilha tenho eu que é,

De mi vir de vós mal, hu deos non
Pos mal de quantos en no mundo son,
Ca par deos, semelha muy senrazon,
D'aver eu mal d'hu deos non pos non.

Senhor fremosa, non poss' eu osmar [1]
Que est aquel en que vos mereci
Tam muyto mal, quam muyto vós a mi
Fazedes, e venho vos perguntar
O porque é, ca non poss' entender,
Se deos mi leixó de vos ben achar
En que vol' eu podesse merecer,
Se he senon porque vos sey amar
Muy mays que os meus olhos, nen c'a mi,
E assy foy sempre desque vos vi.

[1] *Osmar* ou *Esmar*, conjecturar, conhecer, attingir com alguma cousa.

Pero sabe deos qu' ey gram pesar
De vos amar, mays non poss' al fazer,
E poren vós a quen deos non fez par
Non mi devedes y culpa poer,
Ca sabe deos que se me d'en quitar
Podéra, des quant' a que vos servi,
Muy de grado o fizera logo y,
Mas nunca podi o coraçon forçar,
Que vos gran ben non ouveess' a querer,
E poren non dev' eu alezerar,
Senon, nen devo poren de morrer.

Non sey como me salv' a minha senhor,
Se me deos ant'os seus olhos levar;
Ca par deos non ey como m'a salvar,
Que me non julgue por seu traedor.
Poys camanho temp' a que guareci,
Seu mandado ir e a non vy.

E poys tamanho foy o erro meu
Que lhe fiz torto tã descomunal,
Se m'a sua gram mesura non val,
Julgar m'a poren por traedor seu,
Poys camanho temp' a que guareci
Seu mandado ir, e a non vy.
Se o juizo passar assy,
Ay eu cativo, que será de my!

Quizo ben, amigos, e quero e querrey
Hunha mulher que me quis, e quer mal,
E querrá; mays non vos direy eu qual
A mulher; mays tanto vos direy,
Que quis ben, quero, e querrey tal mulher
Que me quis mal sempre, querrá, e quer.

Quis e querrey e quero muy gran ben
A quen me quis mal e quer, e querrá;
Mays nunca homẽ per mĩ saberá
Quen é; pero direy vos huã ren,
Quis ben e quero, e querrey tal mulher,
Que me quis mal sempre, querrá, e quer.

Quis e querrey, e quero ben querer
A quen me quis, e quer, per boa fé,
Mal, e querrá; mays non direy quen é;
Mays per tanto vos quero dizer
Quis ben e quero, e querrey tal mulher,
Que me quis mal sempre, querra, e quer.

Senhor, non vos pes, se me guysar deos

Algunha vez se vos poder veer ;
Ca ben creede que outro prazer
Nunca veram estes olhos meos ,
Senon se mi vós fizessedes ben ,
O que nunca será per nulla ren.

E non vos pes de vos veer ,
Ca tan cuytad' ando que querria morrer,
Se aos meos olhos podedes creer,
Que outro prazer nunca d' al veran ,
Senon se mi vós fizessedes ben ,
O que nunca será per nulla ren.

E se vos vir, poys que já morr' assy
Non devedes ende pesar aver ;

Mays meos olhos, vos poss' eu dizer,
Que nunca veran prazer dal, nen de mi,
Senon se mi vos fizessedes ben,
O que nunca será per nulla ren;
Ca d'eu falar en mi fazerdes ben,
Como falo, faç 'y mingua de sen.

Senhor fremosa, e de mui loução
Coraçon, querede vos doer
De mi pecador que vos sey querer
Melhor c' a mi; pero sõo certão,
Que me queredes peyor d' outra ren,
Pero, senhor, quero vos en tal ben;

Qual mayor poss' e o mays encuberto
Que eu poss' e sey de branca frol,

Que lhe non ouv' en flores tal amor,
Qual vos eu ey; e pero sõo certão
Que me queredes peyor d'outra ren,
Pero, senhor, quero vos eu tal ben,

Qual mayor poss' e o mui namorado
Triste, sey ben que non amou o seu,
Quant' eu vos amo, esto certo sey eu,
E cõ tod' esto sey, mao pecado,
Que me queredes peyor d' outra ren;
Pero, senhor, quero vos eu tal ben
Qual mayor posso, e tod' aquesto ven
A my coytado que perdi o sen.

O voss' amigo tan de coraçon
Pon el en vós seus olhos, e tã ben,

Par deos, amiga que non sey eu quen
Veja, que non entenda que non
Pod' el aver d' aver prazer
De nulla ren, senon de vos veer.

E quando el vê hu vós sodes, enton
Quer el catar que se encobra, e ten
Que s' encobre, pero nõ lhe val poren;
Ca nos seos olhos entende que non
Pọd' el poder aver d' aver prazer
De nulla ren, se non de vos veer.

E quen ben vir como el seos olhos pon
En vós, amiga, quando ante vós ven,
Se non for con muy gram mingua de sen

Entender pode muy ben d'el que non,
Pod' el poder aver d'aver prazer
De nulla ren, senon de vos veer.

Ora, senhor, non poss' eu já
Per nenhua guysa sofrer,
Que me non ajam d' entender
O qu' eu muyto receey,
Ca m' entenderam que vos sey,
Senhor, melhor c' a mi querer.

Esto receey eu muyt' a,
Mays esse vosso parecer
Me faz assy o sen perder,
Que des oy mays pero m'é greu

Entenderam que vos sey eu,
Senhor, melhor c' a mi querer.

Vos veed' en como será
Ca par deus non ei ja poder
Que en mi non possa veer
Quen quer que me vyr des aqui
Que vos sey eu por mal de mì
Senhor melhor ca mi querer.

Senhor oj' ouvess' eu vagar
E deos me dess' end' o poder,
Que vos eu podesse contar
O gram mal que mì faz sofrer

Esse vosso bon parecer,
Senhor a quẽ el non fez par.

Ca se vos podess' y falar
Cuydaria muyto perder
Da gram coyta, e do pesar
Com que m' oje eu vejo morrer;
Ca me non pode scaecer [1]
Esta coyta que non a par.

Ca me vos fez deos tant' amar,
Er fez vos tam muyto valer,

[1] *Scaecer* ou *escaecer*. Esquecer. Docum. de Almoster de 1287. Elucidar. p. 412.

Que non poss' oje en mi osmar [1],
Senhor, como possa viver;
Poys me non queredes tolher
Esta coyta que non a par.

Que soydade de minha senhor ey!
Quando ne nembra dela qual a vi,
E que me nembra que ben a oy
Falar, e por quanto ben dela sey,
Rog' eu a deos que end' a o poder
Que m' a leixe, se lhi prouguer, veer;

Cedo, ca pero mi nunca fez ben,
Se a non vir non me posso guardar

[1] *Osmar*. Calcular, sommar, julgar ter para si. Inquirição d'ElRei D. Diniz de 1284. Elucidar. p. 187.

De sandecer [1] ou morrer con pesar ;
E porque ele tod' en poder ten ,
Rog' eu a deos que end' a o poder
Que m' a leixe , se lhi prouguer, veer ;

Cedo, ca tal a fez nostro senhor
De quantas outras no mundo son
Non lhe fez par, a la minha fé non ,
E poys la fez das melhores melhor,
Rog' eu a deos que end' a o poder,
Que m'a leixe , se lhi prouguer, veer
Cedo, ca tal a quis deos fazer,
Que se a non vir, non posso viver.

Pero eu dizer quyzesse .

[1] Sandecer ou ensandecer, enlouquecer, tornar-se sandeu.

Creo que non saberia
Dizer, nen er poderia,
Per poder que eu ouvesse,
A coyta que o coytado
Sofre que é namorado
Nen er sey quen m'o creesse,
Senon aquel a quen desse
Amor coyta todavia
Qual a mi dá noyte e dia:
Este cuydo que tivesse
Que dig' eu muyt' aguysado,
Ca outr' omem non é nado
Que esto creer podesse.
E poren quen ben soubesse
Esta coyta ben diria,
E sol non duvydaria
Que coyta que deos fezesse,
Nen outro mal afficado
Non fez tal, nen é pensado
D' omem que lhi par posesse.

Ay, senhor fremosa, por deos,
E por quam boa vos el fez,
Doede vos algunha vez
De mi, e destes olhos meos,
Que vos viron por mal de sy,
Quando vos viron, e por my.

E porque vos fez deos melhor
De quantas fez, e mays valer,
Querede vos de mi doer,
E destes meos olhos, senhor,
Que vos viron por mal de sy,
Quando vos viron, e por my.

E porque o al non é ren,

Senon o ben que vos deos deu,
Querede vos doer do meu,
E dos meos olhos, meu ben,
Que vos viron por mal de sy,
Quando vos viron, e por my.

Senhor fremosa, por qual vos deos fez,
E por quanto ben en vos quis poer,
Se m'agora quizessedes dizer
O que vos já perguntey outra vez,
Tenho que mi fariades gram ben
De mi dizerdes quanto mal mi ven
Per vós, se vos estê loor on prez.

Ca se vos fosse ou prez [1] ou loor
De mi matardes, seria razon,
E non diria eu por ende non;
Mays de tanto seede sabedor
Que nenhũ prez, nen loor vos é,
Ant'errades muyto per boa fé,
De mi matardes, fremosa minha senhor.

E saben quantos saben vós e mi
Que nunca cousa, come vós, amey,
Desy saben que nunca vos errey,
Er saben que sempre vos servi
O melhor que pude, e soub'y cuydar,
E poren fazedes de me matar
Mal, poys vol'eu, senhor, non mereci.

[1] Prez. Merito.

Ainsi pourras monter en prez.
Assim poderás crescer em merito.

Quer'eu en maneyra de proençal
Fazer agora um cantar d'amor,
E querrey muyt'y loar minha senhor,
A quen prez, nen fremosura non fal,
Nen bondade, e mays vos direy en
Tanto a fez deos conprida de ben
Que mays que todas las do mundo val

Ca minha senhor quiso deos fazer tal,
Quando a fez, que a fez sabedor
De todo ben, e de muy gram valor,
E con todest' é muy comunal
Aly hu deve; er deu lhi bon sen,
E desy non lhi fez pouco de ben,
Quando non quis que lh'outra foss'igual.

Ca en minha senhor nunca deos pos mal,
Mays pos hi prez e beldad' e loor,
E falar mui ben, e rijr melhor
Que outra mulher, desy é leal
Muyto, e por esto non sey oj'eu quen
Possa conpridamente no seu ben
Falar, ca non a, tra lo seu ben, al.

Mesura [1] seria, senhor,
De vos amercear de mi,
Que vos en grave dia vi,
E en muy grave voss' amor;
Tan grave, que non ey poder
Daquesta coyta mays sofrer,
De que muyt' a fui sofredor.

[1] Generosidade, primor, grandosa d'animo.

Pero sabe nostro senhor
Que nunca vol' eu mereci,
Mays sabe ben, que vos servi
Desque vos vi sempr' o melhor
Que nunca pudi fazer,
Poren querede vos doer
De my coytado pecador.

Mays deos que de tod' é senhor
Me queira poer conselh' hy,
Ca se meu feyto vay assy,
E m' el non for ajudador
Contra vós, qu' el fez valer
Mays de quantas fezo nacer,
Moyr' eu, mays non merecedor,
Pero se eu ey de morrer,

Sen vol'o nunca merecer,
Non vos veg'y prez, nen loor.

Que estranho que m'é, senhor,
E que gram coyta d'endurar,
Quando cuyd'en mi, de nembrar
De quanto mal fuí sofredor,
Des aquel dia que vos vi
E tod'este mal eu sofri
Por vós, e polo voss'amor.

Ca des aquel tempo, senhor,
Que vos vi, e oy falar,
Non perdi coytas e pesar,

Nen mal non podia mayor,
E aquesto passou assy,
E tod'este mal eu sofri
Por vós, e polo voss'amor.

E poren seria, senhor,
Gram ben de vos amercear
De mĩ que ey coyta sen par,
De qual vós sodes sabedor,
Que passou, e passa per mi.
E tod'este mal eu sofri
Por vós, e polo voss'amor.

Senhor cuytad'é o meu coraçon
Por vós, e moyro se deos mi pardon
Porque sabede que desque enton

Vos vi, desy
Nunca coyta perdi.

Tanto m'é coyta e tarix [1] mal amor
Que me mata; seed en sabedor,
E tod'aquesto é desque, senhor,
Vos vi, desy
Nunca coyta perdi.

Ca de mĩ matar amor
Non m'é greu, e tanto mal sofro já en poder seu
E tod'aquesto, senhor, des quand'eu

[1] Assim se acha no Mss. Póde ser que seja *trayi* ou *traxi*, do verbo *trayer* ou *trazer*.

Vos vi, desy
Nunca coyta perdi.

Proençaes soen muy ben trobar,
E dizen elles, qu'é con amor;
Mays os que troban no tempo da frol,
E non en outro, sey eu ben que non
Am tam grã coyta no seu coraçon,
Qual m'eu por minha senhor vejo levar.

Pero que troban e saben loar,
Sas senhores o mays eo melhor
Que eles poden, sõo sabedor,
Que os que troban quand' a frol sazon

A, e non ante, se deos mi perdon
Non am tal coyta qual eu ey sen par.

Ca os que troban, e que s' alegrar
Van, en o tempo que ten a color
A frol consigue, tanto que se for
Aquel tempo, logo en trobar razon
Non an, nen vivẽ en qual perdiçõ
Oj'eu e vivo que poys m'a de matar.

Perguntar vos quero por deos,
Senhor fremosa, que vos fez
Mesurada, e de bon prez,
Que pecados foron os meos,

Que nunca uvestes por ben
De nunca mi fazerdes ben.

Pero senpre vos soub'amar
Des aquel dia que vos vi,
Mays, que os meos olhos e mi;
E assy o quis deos guysar,
Que nunca uvestes por ben
De nunca mi fazerdes ben.

Desque vos vi, senpr' o mayor
Ben, que vos podia querer,
Vos quigi, a todo meu poder;
E pero quis nostro senhor

Que nunca uvestes por ben
De nunca mi fazerdes ben;
Mays, senhor, a vida cõ ben
Se cobraria ben por ben.

Dé muytas coytas, senhor, qué levey
Desque vos soubi muy gran ben querer,
Par deus non posso ieu mi escolher
End'a mayor; mays per quant' eu passey
De mal en mal, e peyor dé peyor,
Non sey qual é mayor coyta, senhor.

Tantas coytas levey, e padeci
Desque vos vi, que non poss'i osmar

End'a mayor, tantas foron sen par;
Mays de tod'esto que passon por mi
De mal en mal, e peyor de peyor
Non sey qual é mayor coyta, senhor.

Tantas coytas passey de la sazon
Que vos eu vi, per bona fé,
Que non posso i osmar a mayor qual é;
Mays das que passey, se deos me perdon,
De mal en mal, e peyor de peyor
Non sey qual é mayor coyta, senhor.

Nostro senhor, sé averey guysado
De minha senhor mui fremosa veer

Que mi nunca fez prazer
Nenhun, e de qué nunca cuyd' aver
Nen bon grado,
Pero filhar lh'ia por galardon
De a ver, se soubesse que non
Lh'era tan grave, deos foss'en loado;
Ca muy grã tenp' a que ando coytado
Se en podésse pola hir veer.

Ca depoys non me pode scaecer
Qual eu vi hu ouvi deos irado,
Ca verdadeyramente desenton
Non trago migo, queste coraçon,
Nen er sey de mĩ parté, nen mandado.

Ca me ten seu amor tan aficado,
Des que se non guysou de a ver,
Que non ey en mi força, nen poder,
Non dormho ren, nen ey en mi recado,
E porque viu' en tã grã perdiçon
Que mi dê morte, peç', a deos perdon,
E perderey meu mal, e meu cuydado.

Senhor poys mé non queredes
Fazer ben, nen o teẽdes
Per guysado,
Deos seja por en loado;
Mays poys vós mui ben sabedes
O torto que mi fazedes,
Gram pecado
Avedes de mi coytado.

E poys que vos non doedes
De mĩ, e sol non avedes
En coydado,
En grave dia fui nado:
Mays por deos, senhor, seeredes
De mĩ pecador, ca vedes
Muy doado
Moyr' e de vós non ey grado.

E poys mentes non metedes
No meu mal, nen corregedes
O estado
A que m' avedes chegado,
De mi matardes faredes
Meu ben, poys m' assy tragedes
Estranhado
Do ben que ey desejado:

E senhor, sol non pensedes
Que pero mi morte dedes,
Aguardo ond' eu seya mays pagado.

Que grave coyta, senhor, é
A quen sempr' a desejar
O vosso ben qué non a par,
Com' eu faç', e per boa fé!
Se eu a deos mal mereci,
Ben se vinga per vós en mi.

Tal coyta mi dá voss' amor,
E faz me levar tanto mal,
Que esto m' é coyta mortal
Dé sofrer, e poren, senhor,

Se eu a deos mal mereci,
Ben se vinga por vós en mi.

Tal coyta sofr' a gram sazon
E tanto mal, e tant' afam,
Que par de morte m' é de pram:
E, senhor, por esta razon
Se eu a deos mal mereci,
Ben se vinga per vós en mi,
E quer se deos vingar assy,
Como lhe praz, per vós en my.

De mi fazerdes vós, senhor,
Ben ou mal, tod' est' en vós é,
E sofrer mé per boa fé

O mal, ca o ben, sabedor
Sõo, que o non ey d'aver;
Mays que gram coyta de sofrer
Que m' é coytad o pecador.

Ca no mal, senhor, vivo ieu
Que de vós ey; mays nulha ren
Non atendo dé vosso ben,
E cuydo senpre no mal meu
Que pass', e que ey de passar,
Com' aver senpre desejar
O muy gran ben, que vos deos deu.

E poys que eu, senhor, sofri,
E sofro por vós tanto mal,

E que de vós non atend' al,
En que grave dia naci!
Que eu de vós por galardon
Non ey d'aver se coyta non
Que senpr' uvi desque vos vi.

Assy me trax coytado
E aficad' amor,
E tan atormentado,
Que se nostro senhor
A minha senhor non met' en cor,
Que se de mi doa d'amor,
Nunca averey prazer e sabor.

Ca viv' en tal cuydado

Com' é quen sofre dor,
E de mal afficado
Que non pode mayor;
Se mi non val a que en forte
Ponto vi, ca ja da morte
Ey prazer, e nenhun pavor.

E faço mui guysado,
Poys sõo servidor
Da que mi non dá grado,
Querendo lh'eu melhor
Cá mi, nen al, por on
A mort' eu non ey ja senon,
Da mort' ende sõo desejador.

O gram uice, o gram sabor,
E o gram conforto que ey,
É porque ben entender sey,
Que o gram ben de minha senhor
Non querrá deos que err' en mi
Que a senpr' amey, e servi,
E lhi quero c'a mi melhor.

Esto me faz alegr' andar
E me dá confort' e prazer,
Cuydand' eu como poss' aver
Ben d'aquela, que non a par,
E deos que lhi fez tanto ben
Non querrá, que o seu bon sen
Err' en mi, quant' é meu cuydar.

E por end' ey no coraçon
Mui grã prazer; tal a fez
Deos que lhi deo sen e o bon prez
Sobre quantas no mundo son,
Que non querrá que o seu bon sen
Err' en mi, mays dar m'ha, cuyd' eu
D'ela ben, e bon galardon.

Senhor, que de grado ieu querria,
Se a deos e a vós prouguesse,
Que hu vós estades estevesse
Con vós; que por esto me terria
Por tan ben andante,
Que por rey, nen iffante
Des aly adiante
Non me cambharia [1].

[1] Cambhar. Trocar. Document. das Bentas do Porto de 1295.

E sapendo que vos prazeria,
Que hu vós morassedes morasse,
E que vos eu viss' e vos falasse,
Terria me, senhor, todavya
Por tan ben andante
Que por rey, nen iffante
Des aly adiante
Non me cambharia.

Ca, senhor, en gran ben vyveria,
Se hu vós vivessedes vivesse,
E sol que de vós est' entendesse
Terria mi razon, faria
Por tan ben andante
Que por rey, nen iffante
Des aly adiante
Non me cambharia.

Hunha pastor ben talhada
Cuydava en seu amigo,
Estava ben vos digo
Per quant' eu vi muj coytada;
E diss': Oy mays nõ é nada
Dé fiar per namorado
Nunca molher namorada;
Poys que m'ho men a errado.

Ela tragia na mão
Hũ papagay mui fremoso
Cantando muy saboroso
Ca entrava o verão,
E diss' amigo loução
Qué faria por amores
Poys m'errastes tã en vão
E ca eu antr' unhas flores.

Huna grã peça do dia
Jouv' ali, que non falava,
E a vezes acordava,
E a vezes esmorecia,
E diss : ay! santa Maria,
Que será de mi agora!
E o papagay dizia:
Ben, per quant' eu sey, senhora.

Se mi queredes dar guarida,
Diss' a pastor, de verdade,
Papagay por caridade,
Ca morte m'é esta vida.
Diss' el : senhor conprida
De ben, e non vos queixedes;
Ca o que vos a servida,
Erged' olho, e veeloedes.

Senhor fremosa, poys no coraçon
Nunca posestes de me fazerdes ben,
Nen mĩ dar grado do mal que mi ven
Per vós, se quer tẽede por razon,
Senhor fremosa, de vos non pesar
De vos veer, se m'ho deos guysar.

Poys vos nunca no coraçon entrou
De mi fazerdes, senhor, senon mal,
Nen ar atendo ja mays de vós al,
Tẽede por ben, poys assy passou,
Senhor fremosa, de vos non pesar
De vos veer, se m'ho deos guysar.

Poys que vos nunca doestes de my,
Er sabedes quanta coyta passey
Por vós, e quanto mal lev' e levey,
Tẽede por ben, poys que est' é assy,
Senhor fremosa, de vos non pesar
De vos veer, se m'ho deos guysar.
E assy me poderedes guardar,
Senhor, sen vos mal estar.

Nunca vos ousey a dizer
O gram ben que vos sey querer,
Senhor deste meu coraçon,
Mays a que m'en vossa prison
De que vos praz de mi fazer,
Nunca vos dixi nulha ren
De quanto mal me por vós ven,
Senhor deste meu coraçon,

Mays a q̃ m' ẽ vossa prison
De mi fazerdes mal, ou ben.

Nunca vos ousei a contar,
Mal que mi fazedes levar,
Senhor deste men coraçon,
Mays a que m'é vossa prison
De me guarir ou me matar.
E senhor coyta, e al non
Mé forçou de vos hir falar.

Non mé podedes, vós senhor,
Partir deste meu coraçon

Graves coytas, mays sey que non
Mi poderiades tolher
Per bona fé nenhũ prazer,
Ca nunca o eu pud' aver,
Desque vos eu non vi, senhor.

Podedes me partir gran mal,
E graves coytas que eu ey
Por vós, minha senhor, mays ben sey,
Que me non podedes por ren
Tolher prazer, nen hũ ben,
Poys end'eu nada nõ ouv'en
Desque vos vi, non vi senon mal.

Graves coytas, e grand' afan
Mi podedes se vos prouguer
Parar muy ben, senhor, mays er
Sey que non podedes tolher
E que en mĩ non a prazer
Desque vos non pudi veer,
Mays que gran coyt' e grand' afan.

Poys ante vós estou aqui
Senhor deste meu coraçon
Por deos tẽede por razon,
Por quanto mal vos sofri,
De vos querer de mi doer,
Ou de mé leixardes morrer.

E poys do mal qu'eu levey
Muyt' a vós sodes sabedor,
Teẽde ja por ben, senhor,
Por deos, poys tanto mal passey,
De vos querer de mi doer,
Ou de mé leixardes morrer.

E poys que viv' en coyta tal,
Per que o dormir e o sen
Perdi, tẽede ja por ben,
Senhor, poys tant'é o meu mal,
De vos querer de mi doer
Ou de me quererdes valer.

Senhor, que mal vos nenbrades
De quanto mal por vós levey,
E levo, ben é creades,
Qué par deos ja poder non ey
De tan grave coyta sofrer;
Mays deos vos leixé part' aver
Da muy gran coyta, que mi dades.

E se deos quizer que aiades
Parte de minha coyta, ben sey
Pero m'ora desamades,
Logu' enton amado serey
De vós, e podedes saber
Qual coyta é de padecer
Aquesta, de que mé matades.

E senhor, certa seiades,
Que des entõ non temerey
Coyta que mi dar possades,
E tod'o meu sen cobrarey
Que mi vós fezedes perder,
E vós cobrades conhecer
Tanto que m' algun ben façades.

Amor, en que grave dia vos vi
Poys que tan muyt' a que eu servi
Jamais nunca se quis doer de mi
E poys mé tod'este mal per vós ven,
Minha senhor, aja ben, poy est' é assy,
E vós aiades mal, e nunca ben.

En grave dia que vos vi, Amor,
Poys a de quen senpre fui servidor,
Mé fez, e faz cada dia peyor;
E poys ey por vós tal coyta mortal,
Faça deos senpre ben a minha senhor,
E vós, Amor, aiades todo mal.

Poys da mays fremosa de quantas son
Non pud'aver se coyta non,
E por vós viv'eu en tal perdiçon,
Que nunca dormè estes olhos meos,
Minha senhor, aja ben per tal razon,
E vós, Amor, aiades mal de deos.

Que prazer avedes, senhor,
De mi fazerdes mal por ben ,
Que vos quig' e quer', e poren
Peç' eu tant' a nostro senhor,
Que vos mud' esse coraçon ,
Que m'havedes tan sen razon.

Prazer avedes do meu mal,
Pero vos amo mays c'a my,
E poren peç' a deos assy
Que sabe quant'é o meu mal ,
Que vos mud'esse coraçon ,
Que m'havedes tan sen razon.

Muyto vos praz do mal que ey,
Lume d'aquestes olhos meos,
E por esto peç' eu a deos,
Que sab' a coyta que eu ey,
Que vos mud' esse coraçon,
Que m'havedes tan sen razon,
E se volo mudar, enton
Poss'eu viver, senon, non.

Senhor qué ben parecedes,
Se mi contra vós valvesse
Deos, que vos fez, e quisesse
Do mal, que mi fazedes
Mi fezessedes enmenda,
E vedes, senhor quejanda
Que vos visse, vos prouguesse.

Ben parecedes sen falha,
Que nunca vyu homem tanto
Por meu mal e meu quebranto;
Mays, senhor, que deos vos valha,
Por quanto mal ey levado
Por vós, ajá eu por grado
Veer vos se quer ja quanto.

Da vossa gram fremosura
End'eu, senhor, atendia
Grã ben, e grand' alegria,
Mi ven grã mal sen mesura;
E poys ey coyta sobeja,
Praza vos ja, que vos veja
No ano hũa vez d'ũ dia.

Senhor fremosa, vejo vos queixar
Porque vos amo', e no meu coraçon
Ey mui grã pesar, se deos mi perdon,
Porque vej' end'a vós aver pesar,
E queria m'en de grado quytar,
Mays non posso forçar o coraçon.

Que meforçou meu saber e meu sen
Desy meteu me no vosso poder,
E do pesar que vos eu vej' aver
Par deos, senhor, a mĩ pesa muyt'en
E partir m'ia de vos querer ben
Mays tolhe m'end' o coraçon poder.

Que me forçou de tal guisa, senhor,
Que sen, nen força non ey ja de mi,
E do pesar que vos tomades hy
Tom'eu pesar, que non posso mayor,
E queria non vos aver Amor,
Mays o coraçon pode mays ca mi.

Amor fez a mĩ amar
Gran temp' a hunha molher
Que meu mal quis sempr'e quer,
E me quis e quer matar;
E ben o pode acabar,
Poys end'o poder o er;
Mays deos, que sab'a sobeja
Coyta, que m'ela dá, veja

Como vivo tan coytado,
E mi ponha hy recado.

Tal molher mi faz amor
Amar, que ben des enton
Non me deu se coyta non,
E do mal sempr'o peyor,
Por end'a nostro senhor
Rog' eu mui de coraçon,
Qu'el majud'en a tan forte
Coyta, que par m'é de morte,
E ao grã mal sobejo,
Con que m'oj eu morrer vejo.

A mi fez gran ben querer
Amor hũa molher tal,
Que senpre quis o meu mal,
E a quen praz d'eu morrer,
E poys que o quer fazer,
Non poss' eu fazer hi al;
Mays deos que sab' o gram torto
Que mi ten, mi dê cõorto
A este mal sen mesura,
Que tanto comigo dura.

Amor faz a mi gran ben
Querer tal molher, ond' ey
Senpre mal, e averey;
Ca en tal coyta mi ten,
Que non ey eu força, nen sen:
Poren rog' e rogarey

A deos que sabe que vivo
En tal mal, e tan esquivo,
Que me queira dar guarida
De mort', ou de melhor vida.

[1] Punh' eu, senhor, quanto poss' en quytar
D'en vós cuydar este meu coraçon,
Que cuyda senpr' en qual vos vi, mays non
Poss' eu per ren, nen mi, nen el forçar,
Que non cuyde senpr' en qual vos eu vi;
E por esto non sey oj' eu de mi
Que faça, nen me sey conselh' y dar.

Non pudi nunca partir de chorar

[1] Punhar ou pugnar. Esforçar-se, trabalhar por.

Estes meos olhos ben de la sazon
Que vos virõ, senhor, ca des enton,
Quis deos assy que vo lhi foy mostrar,
Que non podess' o coraçon desy
Partir d'en vós cuydar, e viv' assy
Sofrendo coyta tal, que non a par.

E minha senhor hu senpr' ey de cuydar
No mayor ben dos que no mundo son
Qual est' o vosso, ey muy gram razon;
Poys non poss' end' o coraçon tirar
De viver en camanho mal vivi,
Desque vos eu por meu mal conheci,
E d'aver senpr' a mort' a desejar.

De mi valerdes seria, senhor,
Mesura por quant, a que vos servi,
Mays poys vos praz de non seer assy,
E do mal ey de vós sempr' o peyor,
Veed' ora se seria melhor,
Como vos praz de mi leixar morrer,
De vos prazer de mi querer valer.

De mi valerdes, senhor, nulha ren
Non errades, poys vos sey tant' amar
Como vos am', e poys vos é pesar
E sofr' eu mal, de que moyr' e poren
Veed' agora se seria ben,
Como vos praz de mi leixar morrer,
De vos prazer de mi querer valer.

De me valerdes era mui mester,
Porque perço quanto vos direy
O corpo e deos, e nunca vos errey,
E pero praz vos do meu mal mays er.
Veedes se é ben, e se vos prouguer,
Como vos praz de mi leixar morrer,
De vos prazer de mi querer valer.

De mi valerdes, deos non mi perdon.
Se vós perdedes de vosso bon prez,
Poys vos tant' am' e par deos que vos fez
Valer mays de quantas no mundo son.
Veed' agora se é razon
Como vos praz de mi leixar morrer,
De vos prazer de mi querer valer;
E poys, senhor en vós é o poder,
Par deos quered' o melhor escolher.

Oy oj' eu cantar d'amor
En hũ fremoso virgeu,
Hunha fremosa pastor
Que ao parecer seu
Ja mays nunca lhi par vi,
E poren dixe lh' assy :
Senhor por vosso vou eu.

Tornou sanhuda enton,
Quando m'est' oyu dizer,
E diss' ide vos varon ;
Quen vos foy aqui trager,
Para m'irdes d'estorvar
D'u dig' aqueste cantar,
Que fez quen sey ben querer ?

Poys que me mandades hir,
Dixe lh' eu, senhor, hir m'ey;
Mays ja vos ey de servir,
Sempre por voss' andarey;
Ca voss' amor me forçou
Assy, que por vosso m'ey,
Cujo sempr' eu já serey.

Diz ela : non vos ten prol
Esso que dizedes, nen
Mi praz de o oyr sol,
Ant' ey noj' e pesar en,
Ca meu coraçon non é,
Nen será per boa fé,
Senon nõ quero ben.

Nen o meu dixi lh' eu já,
Senhor, non se partirá
De vós por cujo s'el ten.
O meu diss' ela será
Hu foy sempre, hú está,
E de vós non curo ren.

Quand' eu ben meto femença
En qual vos vej' e vos vi
Des que vos eu conheci
Deos que non mente mi mença,
Senhor, se oj' eu sey ben
Que semelh' o voss' en ren.

Quand' eu a beldade vossa

Vejo, que vi por meu mal,
Deos qu'a coytados val
A mi nunca valer possa,
Senhor, se oj' eu sey ben
Que semelh' o vosso en ren,
E quen o assy non ten,
Non vos vio, on non a sen.

Senhor, aquel que sempre sofre mal,
Mentre mal a, non sabe que é ben,
E o que sofre ben sempre' outro tal,
Do mal non pode saber nulha ren:
Poren querede poys que eu, senhor,
Por vós fui sempre de mal sofredor
Que algun tempo sabha que é ben.

Ca o ben, senhor, non poss' eu saber
Senon per vós, per quen eu o mal sey,
Desy o mal non o posso perder
Se per vós non é, e poylo ben non ey
Quered' ora, senhor, por deos já
Que en vós pos quanto ben no mund'a,
Que o ben sabha, poys que non sey.

Ca se non souber algũa sazon
O ben per vós, per quen eu mal sofri,
Non tenh' eu ja hy se morte non,
E vos perdedes mesura en mi:
Poren querede por deos que vos deu
Tã muyto ben, que per vós sabha eu
O ben, senhor, por quanto mal sofri.

Senhor, en tã grave dia
Vos vi, que non poderia
Mays, e por santa Maria
Que vos fez tan mesurada,
Doede vos algũ dia
De mi, senhor ben talhada.

Poys sempre a en vós mesura,
E todo ben, e cordura,
Que deos fez en vós feytura
Qual non fez en mulher nada,
Doede-vos por mesura
De mi, senhor ben talhada.

E por deos, senhor, tomade

Mesura por gram bondade,
Que vos el deu, e catade
Qual vida vivo coytada,
E algũ doo tomade
De mi, senhor ben talhada.

Por deos, senhor, poys por vós non ficou
De mi fazer ben, e ficou per mi,
Tẽede por ben, poys assy passou,
En galardon de quanto vos servi
De mi teer puridade, senhor,
E eu a vós, ca est' é o melhor.

Non ficou per vós de mi fazerdes ben,
E de deos ajudes bon galardon,

Mays a minha mingua foi grande, poren
Por mercée tẽe de por razon
De mi teer puridade, senhor,
E eu a vós, ca est' é o melhor.

Sempre vos desto bon grado darey,
Mays eu mingu'ey en loor e en prez
Como deos quis, mays assy passou
Praz'a vós, senhor, porqual vos el fez
De mi teer puridade, senhor,
E eu a vós, ca est' é o melhor.
Ca non tiro eu, nen vós prez, nen loor
D'aquesto preyto se sabudo for.

Senhor, eu vivo coytada

Vida, des quando vos non vi;
Mays poys vós queredes assy,
Por deos, senhor ben talhada,
Querede vos de mi doer,
Ou ar leixade m'ir morrer.

Por deos, minha senhor fremosa
Vos sodes tan poderosa
De mi, que meu mal e meu ben
En vós é por deos, poren
Querede vos de mi doer
Ou ar leixade m'ir morrer.

Eu vivo por vós tal vida,
Que nunca estes olhos meos

Dormẽ, minha senhor, e por deos
Que vos fez de ben conprida,
Querede vos de mi doer
Ou ar leixade m'ir morrer,
Ca, senhor, todo m'é prazer
Quant'y vos quiserdes fazer.

Em esta folha se começã as cantigas d'amigo que o muy respeitable Dom Diniz, Rey de Portugal fez.

Ben entendi, meu amigo,
Que mui gram pesar ouvestes,
Quando falar non podestes
Vós n'outro dia comigo:
Mays certo seed' amigo
Que non fuy o vosso pesar,
Que s'ao meu podess' iguar.

Muy ben soub'eu por verdade
Que erades tan cuytado

Que non avya recado;
Mays, amigo, acá tornade,
Sabede ben por verdade,
Que non fuy o vosso pesar,
Que s'ao meu podess' iguar.

Ben soub'amigo por certo,
Que o pesar d'aquel dia
Vosso que par non avya,
Mays pero foy encuberto
E poren seede certo
Que non fuy o vosso pesar,
Que s'ao meu podess' iguar;
Ca o meu non se pod' osmar
Nen eu non o pudi negar.

Amiga muyt' a gram sazon
Que se foy d'aqui cõ el rey
Meu amigo, mays ja cuydey
Mil vezes no meu coraçon
Que algur morreo com pesar,
Poys non tornou migo a falar.

Porque tarda tan muyto lá,
E nunca me tornou a veer,
Amiga si veja prazer...
Mays de mil vezes cuydei já
Que algur morreu con pesar
Poys non tornou migo a falar.

Amiga o coraçon seu

Era de tornar ced' aqui
Hu visse os meus olhos e mi,
E por en mil vezes cuyd'eu,
Que algur morreo con pesar,
Poys non tornou migo a falar.

Que triste oj' é meu amigo,
Amiga, no seu coraçon,
Ca non pode falar migo,
Nen veer-m' e faz gram razon
Meu amigo de trist' andar,
Poys m'el non vyr, e lh'eu nenbrar.

Trist'anda, se deos me valha,
Ca me non viu e deyt'é

E por esto faz sen falha
Muy grande razon per boa fé
Meu amigo de trist' andar,
Poys m'el non vyr, e lh'eu nenbrar.

D'andar triste faz guisado,
Ca o non vi, nen vio el mi,
Nen er oyo meu mandado
E poren faz grande deyt' y
Meu amigo de trist' andar,
Poys m'el non vyr, e lh' eu nenbrar:
Mays deos! Como pode durar
Que ja non morreo con pesar?

Desque ora son na oste,

Amiga, queria saber
Se se verran tard' ou toste ;
Por quanto vos quero dizer
Porque é lá meu amigo
Queria saber mandado
Dos que alá son, ca o non sey.
Amiga por deos de grado
Por quanto vos ora direy
Por que é lá meu amigo.

E queredes que vos diga,
Se deos bon mandado mi dẽ,
Queria saber amiga
Deles novas, vedes por que ;
Por que é lá meu amigo,
Ca por al non volo digo.

Que muyto a ja que non veio
Mandado de meu amigo,
Pero, amiga, pos migo
Ben aqui hu m' ora sejo,
Que logo m' envyaria
Mandado, on s'ar tornaria.

Muyto me tarda sen falha
Que non veio seu mandado
Pero ouve m'el jurado
Ben aqui se deos mi valha,
Que logo mi envyaria
Mandado on s'ar tornaria.

E que vos verdade diga

El seve muyto chorando
El seve por mi jurando
Hu m'agora sej' amiga,
Que logo m'envyaria
Mandado, ou s'ar tornaria
Mays poys non ven, nen envya
Mandad', é mort', ou mentia.

Chegou m'ora aqui recado,
Amiga, do voss' amigo,
E aquel que falou migo
Diz mi que é tan cuytado.
Que por quanta poss' avedes,
Já o guarir non podedes.

Diz que oje tercer dia
Ben lhe pertirades morte,
Mays ouv' el coyta tan forte,
E tan coytad' er jazia
Que por quanta poss' avedes
Já o guarir non podedes.

Con mal que lhi vós fizestes
Viron, minh' amiga fremosa,
Que pero vós poderosa
Fostes d'el quanto quisestes,
Que por quanta poss' avedes
Já o guarir non podedes;
E gran preda poren fazedes
Hu tal amigo perdedes.

O meu amig', amiga, non quer' eu
Que aja grã pesar, nen grã prazer,
E quer' eu este preyt' assy trager
Com a er e votando no feyto seu
Ao nõ quero guarir, nen o matar
Nen o quero de mi desasperar.

Ca se lh' eu amor mostrasse, ben sey
Que lhe seria ende tan grã ben,
Que lh' aviam d'entender poren
Qual ben mi quer, e poren esto farey,
Ca o non quero guarir, nen o matar,
Nen o quero de mi desasperar.

E se lhe mostrasse algun desamor,

Non se podia guardar de morte
Tant' averia en coyta forte:
Mays por eu non errar end' o melhor,
Ao non quero guarir, nen o matar,
Nen o quero de mi desasperar,
E assy se pode seu tempo passar,
Quando con prazer, quando con pesar.

Amiga, bon grad' aja deos
Do meu amigo que a mi ven,
Mays podedes creer mui ben,
Quando o vijr dos olhos meos
Que possa aquel dia veer,
Que nunca vi mayor prazer.

Ajades en deos bon grado
Porque o fez vijr aqui,
Mays podedes creer per mi,
Quand' eu vir o namorado
Que possa aquel dia veer
Que nunca vi mayor prazer.

Vós que vos en vossos cantares meu
Amigo chamades, creede ben,
Que non dou eu por tal infinta ren,
E por aquesto, senhor, vos mand' eu
Que ben quanto viverdes desaqui,
Fazer façades infinta de mi.

Ca demo levass' a ren que eu der por

Enfinta fazer, o mentir al
De mi, ca me non monta ben, nen mal.
E por aquesto vos mand' eu, senhor,
Que ben quanto viverdes desaqui,
Fazer façades enfinta de mi.

Ca mi non tolh' a mi ren, nen mi dá
De s'enfinger de mi mui sen razon
Ao que eu nunca fiz se mal non,
E poren, senhor, vos mand' ora ja
Que ben quanto quizerdes desaqui
Fazer façades enfinta de mi:
Estade com' estades de mi
Confingede vos ben desaqui.

Rogo m'oje, filha o voss' amigo
Muyt' aficado, que vos rogasse,
Que de vos amar non vos pesasse;
E poren vos rogo, e vos castigo
Que vos non pes de vos el ben querer,
Mays non vos mand'y, filha, mays fazer.

E hu m'estava en vós falando,
Em' esto que vos digo rogava,
Doy me d'el, tã muyto chorava,
E poren, filha rogo e mando,
Que vos non pes de vos el ben querer;
Mays non vos mand' y, filha, mays fazer.

Ca de vos el amar do coraçon

Non vej' eu ren de que vos hi percades,
Sen hi mays aver, mays guanhades :.
E por esto pola minha beençon
Que vos non pes de vos el ben querer,
Mays non vos mand'y, filha, mays fazer.

Pesar me fez meu amigo,
Amiga, mays sey eu que non
Cuydou el no seu coraçon
De mi pesar, ca vos digo,
Que ant' el queria morrer,
Cá mi sol hũ pesar fazer.

Non cuydou que mi pesasse

Do que fez, ca sey eu muy ben,
Que do que foy, non fora ren,
Poren sey que se en cuydasse
Que ant' el queria morrer,
C'a mi sol hũ pesar fazer.

Feze-o por encuberta,
Ca sey que se fora matar,
Ante que a mi fazer pesar;
E por esto sõo certa
Que ant' el queria morrer,
C'a mi sol hũ pesar fazer.
Ca de morrer, ou de viver
Sab' el caxe no meu poder.

Amiga sey eu ben d'unha molher
Que se trabalha de vosco buscar
Mal a voss' amigo polo matar;
Mays tod' aquest', amiga, ela quer,
Porque nunca con el pode poer
Que o podesse por amig' aver.

E busca lhi convosco quanto mal
Ela mays pode aquesto seer,
E tod' aquesto ela faz pelo seu
E por este preyto, e non por al;
Porque nunca con el pode poer
Que o podesse por amig' aver.

Ela trabalha se a gran sazon

De lhe fazer o vosso desamor
Aver, e a ende muy grã sabor;
E tod' est', amiga, non é senon,
Porque nunca con el pode poer
Que o podesse por amig' aver
Por esto faz ela seu poder
Para fazelo convosco perder.

Bon dia vi, amigo,
Poys seu mandad' ey migo
Louçana.
Bon dia vi, amado,
Poys mig' ey seu mandado
Louçana.
Poys seu mandad' ey migo
Rogo eu a deos e digo
Louçana.

Poys migo ey seu mandado
Rog' eu a deos de grado
Louçana.
Rog' eu a deos e digo
Por aquele meu amigo
Louçana.
Por aquele meu amigo
Que o veja comigo
Louçana.
Por aquel namorado
Que fosse já chegado
Louçana.

Non chegou, madr', o meu amigo
E oj' est o prazo saydo;
Ay! madre, moyro d'amor.

Non chegou, madr', o meu amado
E oj' est o prazo passado;
Ay! madre, moyro d'amor.

E oj' est o prazo saydo,
Por que mentio o desmentido,
Ay! madre, moyro d'amor.

E oj' est o prazo passado.
Por que mentio o perjurado,
Ay! madre, moyro d'amor.

E porque mentio o desmentido
Pesa mi, poys per si é falido,
Ay! madre, moyro d'amor.

Porque mentio o perjurado
Pesa mi, poys mentio por seu grado,
Ay! madre, moyro d'amor.

De que morredes, filha, a do corpo velido?
Madre, moyro d'amores, que me deu meu amigo
Alva e vay liero.

De que morredes, filha, a do corpo louçano?
Madre, moyro d'amores que me deu meu amado
Alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo
Quando vej' esta cinta que por seu amor trajo
Alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado
Quando vej' esta cinta que por seu amor trajo
Alva e vay liero.

Quando vej' esta cinta que por seu amor cingo
E me nenbra fremosa como falou cõmigo
Alva e vay liero.

Quando vej' esta cinta que por seu amor trago
E me nenbra fremosa como falamos ambos
Alva e vay liero.

Ay flores! ay flores do verde pyno,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ay Deos! E hu é?

Ay flores! ay flores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado!
Ay deos! E hu é?

Se sabedes novas do meu amigo,
Aquel que mentio do que mha jurado!
Ay deos! E hu é?

Se sabedes novas do meu amado,
Aquel que mentio do que pos cõmigo!
Ay deos! E hu é?

Vós me perguntades pelo voss' amado?
E eu ben vos digo que é vivo e sano.
Ay deos! E hu é?

E eu ben vos digo que é vivo e sano
E seera vosco ant' o prazo saydo.
Ay deos! E hu é?

E eu ben vos digo que é vivo e sano
E seera vosc' ant' o prazo passado.
Ay deos! E hu é?

Levantou s' a velida
Levantou s' alva
E vay lavar camisas
  En o alto.
Vay las lavar, alva.

Levantou s' a louçana
Levantou s' alva
E vay lavar delgades
  En o alto.
Vay las lavar, alva.

Vay lavar camisas
Levantou s' alva,

O vento lhas desvia
En o alto.
Vay las lavar, alva.

E vay lavar delgades
Levantou s' alva,
O vento lhas levava
En o alto.
Vay las lavar, alva.

O vento lhas desvia
Levantou s' alva.
Meteu s' alva en hira
En o alto.
Vay las lavar, alva.

O vento lhas levava.
Levantou s' alva
Meteu s' alva en sanha
En o alto.
Vay las lavar alva.

Amigo, meu amigo, valha deos
Vede la frol do pinho,
E guisade d' andar.

Amigo e meu amado, valha deos
Vede la frol do ramo,
E guisade d' andar.

Vede la frol do pinho, valha deos
Selad o bayoninho,
E guisade d' andar.

Vede la frol do ramo, valho deos
Selad' o bel cavalo,
E guisade d' andar.

Selad' o bayoninho, valha deos,
Treyde vos, ay amigo,
E guisade d' andar.

O voss' amigo tan de coraçon
Pon ele en vós seos olhos, e tã ben,
Par deos amiga que non sey en quen
O verá, que non entenda que non
Pod' el poder aver d'aver prazer
De nulha ren, senon de vos veer.

E quen ben vir com'el seos olhos pon
En vós, amiga, quand' ante vos ven,
Se si non for muy minguado de sen,
Entender pod' end' el muy ben que non
Pod' el poder aver d'aver prazer
De nulha ren, senon de vos veer.

E quand' el ven hu vós sodes, raon

Quer el catar que s'encobra, e ten
Que s'encobre, pero non lhe val ren.
Ca nos seos olhos entende que non
Pod' el poder aver d' aver prazer
De nulha ren, senon de vos veer.

Com' ousará parecer ante mi
O meu amigo, ay amiga, por deos!
E com' ousará catar estes meos
Olhos, se o deos trouxer per aqui
Poys tan muyt' a que non veo veer
Mi, e meos olhos, e meu parecer?

Amiga, on como s'atreverá
De m' ousar sol dos seos olhos catar,

Se os meos olhos vir hũ pouc' alçar,
Ou no coraçon como o porra,
Poys tan muyt' a que non veo veer
Mi, e meos olhos, e meu parecer?

Ca sey que non terá el por razon,
Como quer que m' aja muy grand' amor,
De m' ousar veer, nen chamar senhor,
Nen sol non o porra no coraçon,
Poys tan muyt' a que non veo veer
Mi, e meos olhos, e meo parecer.

En grave dia, senhor, que vos oy
Falar, e vos viron estes olhos meos!
Dized' amigo que poss' eu hi fazer
En aqueste feyto se vos valha deos.

E avedes mesura contra mi senhor,
Farey amigo, fazend' eu o melhor.

Hu vos en tal ponto eu oy falar,
Senhor, que non pudi depoys ben aver.
Amigo, quero vos ora perguntar
Que me digades o que poss' y fazer?
E avedes mesura contra mi senhor,
Farey, amigo, fazend' eu o melhor.

Des que vos vi e vos oy falar
Non vi prazer, non dormi, non folguey.
Amigo, dizede, se deos vos perdon,
O qu'eu hi faça, ca eu non no sey
E avedes mesura contra mi senhor
Farey, amigo, fazend' eu o melhor.

Amiga, faço me maravilhada
Como póde meu amigo viver
Hu os meos olhos non pod'er veer,
Ou como pod' a là fazer tardada;
Ca nunca tan grã maravilha vi
Poder meu amigo viver sen mi,
E par deos é cousa muy desguisada.

Amiga, estad' ora calada
Hun pouco, e leixad' a mi dizer:
Per quant' eu sey certo e poss' entender
Nunca no mundo foy molher amada,
Como vós de voss' amigo, e assy
Se el tarda sol non é culpad' y,
Senon eu quer en ficar por culpada.

Ay ! amiga, eu ando tan coytada,
Que sol non poss' en mi tomar prazer,
Cuydand' eu como se pode fazer,
Que non é já comigo de tornada,
E par deos porque o non vej' aqui,
Que é morto gran suspeyta tom' y,
E s'é mort' en mal dia eu fuy nada.

Amiga fremosa, e mesurada,
Non vos dig'eu que non pode seer
Voss' amigo, poys hom'é, de morrer;
Mays par deos, non sejades suspeytada
D'outro mal d'el, ca desquand' eu naci
Nunca d'outr' omem tan leal voy
Falar, e quen end' al diz, non diz nada.

O voss' amigo, amiga, vi andar
Tam coytado que nunca lhe vi par,
Que adur [1] me podia falar;
Pero quando me vyo, disse m'assy:
Ay senhor! hid' a minha senhor rogar
Por deos que aja já mercée de my.

El andava triste mui sen sabor
Como quen é tã coytado d'amor
E perdudo o sen e a color,
Pero quando me vyo, disse m' assy:
Ay! senhor, ide rogar minha senhor,
Por deos que aja mercée de my.

El, amiga, achei eu andar tal

[1] Adur, adv. apenas.

Como morto, ca é descomunal
O mal que sofre, e a coyta mortal;
Pero quando mevyo disse m'assy:
Senhor, rogad' a senhor do meu mal
Por deos que mercée aja já de my.

Amigo, queredes vos hir?
Si, minha senhor, ca non poss' al
Fazer, ca seria meu mal,
E vosso; por ende partir
Mi conven d'aqueste lugar,
Mays que gran coyta d'endurar
Me será poys me sen vos vir.

Amigo, e de mi que será?

Ben : senhor boa e de prez,
E poys m'en for daquesta vez,
O vosso mui ben se passará ;
Mays morte m' é de m'alongar
De vós, e hir m'alhur morar
Mays poys e vos uma vez cá.

Amig' eu sen vós morrerey
Non o querra deos esso senhor ;
Mays poys hu vos fordes non for
O que morrerá eu serey ;
Mays quer' eu ant'o meu passar,
Ca assy do voss' aventurar,
Ca eu sen vós de morrer ey.

Queredes m'amigo matar?
Non minha senhor; mays por guardar
Vós, mato mi que m'ho busquey.

Dizede por deos amigo
Tamanho ben me queredes
Como vós a mi dizedes?
Sy, senhor, e mays vos digo,
Non cuydo que oj' omem quer,
Tam gram ben no mund' á molher.

Nonc reo que tamanho ben
Mi vos podessedes querer
Camanh' a mi ides dizer.
Sy, senhor, e mays direy en:

Non cuydo que oj' omem quer
Tam gram ben no mund' a molher.

Amig' eu non vos creerey
Sy que dev' a nostro senhor,
Que m'avedes tan gram amor.
Sy, senhor, e mays vos direy :
Non cuydo que oj' omem quer
Tam gram ben no mund' a molher.

Non poss' eu, meu amigo,
Con vossa soydade
Viver ben volo digo,
E por esto morade,

Amigo, hu me possades
Falar, e me vejades.

Non posso hu vos non vejo
Viver, ben o creede,
Tan muyto vos desejo.
E por esto vivede,
Amigo hu me possades,
Falar, e me vejades.

Naci en forte ponto,
E amigo, partide
O meu gram mal sen conto,
E por esto guaride, amigo.

Guarrey, ben o creades
Senhor, hu me mandardes.

Por deos, amigo, quen cuydaria
Que vós nunca ouvessedes poder
De tam longo tenpo sen mi viver?
E des oy mays, por santa Maria,
Nunca molher deve ben, vos digo,
Muyta creer per juras d'amigo.

Dissestes m' hu vos de mi quitastes:
Logo qui serey con vosco, senhor,
E jurastes mi polo meu amor.
E des oy mays, poys vos perjurastes,

Nunca molher deve ben, vos digo,
Muyta creer per juras d'amigo.

Jurastes m'enton muyt'aficado
Que logo, logo sen outro tardar
Vos queriades para mi tornar:
E des oy mays, ay meu perjurado!
Nunca molher deve ben, vos digo,
Muyta creer per juras d'amigo
E assy farèy eu ben vos digo
Por quanto vós passastes comigo.

O meu amigo a de mal assaz
Tant' amiga que muyto mal per é

Que no mal non a mays, per boa fé,
E tod' aquesto vedes que lho faz
Porque non cuyda de mĩ ben aver
Viv' er coyta coytado por morrer.

Tanto mal sofre, si deos mi perdon,
Que já eu, amiga, d'el dao ey,
E por quanto de sa fazenda sey,
Tod'este mal é por esta razon
Porque non cuyda de mĩ ben aver
Viv'er coyta coytado por morrer.

Morrerá desta hu non pod' aver al,
Que toma en sy tamanho pesar

Que se non pode de morte guardar.
E amiga, ven lhi tod' este mal
Porque non cuyda de mĩ ben aver
Viv' en coyta coytado por morrer.
Ca se cuydasse de mĩ ben aver,
Ant' el queria viver, ca morrer.

Meu amigo non poss' eu guarecer
Sen vós, nen vós sen mi, e que será
De vós! Mays al deos que end' o poder a
Lhe rog' eu que el querra escolher
Por vós, amigo, e des y por mi
Que non moyrades vós, nen eu assy.

[1] Como morremos, ca non a mester,
De tal vida avermos de passar,
Ca mays nos valeria de nos matar;
Mays deos escolha, se a el aprouguer,
Por vós, amigo, e desy por mi
Que non moyrades vós, nen eu assy.

Como morremos, ca en a mayor
Coyta do mundo, e en a mays mortal
Vivemos, amigo, e no mayor mal;
Mays deos escolha como bon senhor
Por vós, amigo, e desy por mi
Que non moyrades vós, nen eu assy.

[1] Deixámos subsistir em abono da fidelidade esta phrase, com quanto nos pareceo incorrecta, e sendo que, com a paz dos que melhor sentirem, entendemos que se deveria ler : *Convê morrermos.*

Como morremos, ca per boa fé
Muy gran temp' a que este mal pass'ou
Por nós e passa, e muyto durou;
May deos escolha como quen ele é
Por vós, amigo, e desy por mi
Que non moyrades vós, nen eu assy,
Como morremos, e deos ponha hi
Conselho, amigo, a vós e a mi.

Que coyta ouvestes, madre e senhor,
De mi guardar que non possa veer
Meu amig' e meu ben, e meu prazer;
Mays se eu posso, par nostro senhor,
Que o veja, e lhi possa falar,
Guisar lh'ey, e pes a quen pesar.

Vós fezestes todo vosso poder,
Madr' e senhor, de mi guardar que non
Visse meu amigo, e meu coraçon;
Mays se eu posso a todo o meu poder
Que o veja, e lhe possa falar,
Guisar lh' ey, e pes a quen pesar.

Minha morte quisestes, madre, e non al,
Quant' a guisastes que per nulha ren
Eu non viss' o meu amig' e meu ben,
Mays se eu posso hu non pod' aver al
Que o veja, e lhe possa falar,
Guisar lh' ey, e pes a quen pesar.
E se eu madr' esto poss' acabar,
O al passe, como poder passar.

Amigo, e falso e desleal,
Que prol a de vos trabalhar
De na minha mercée cobrar!
Ca tanto o troxestes mal
Que non ey de vos ben fazer
Pero m'eu quisesse poder.

Vós trouxestes o preyt' assy
Come quen non é sabedor
De ben, non de prez, nen d'amor,
E porẽ creede por mi
Que non ey de vos ben fazer
Pero m' eu quisesse poder.

Ca estas en tal caion
Que sol conselho non vos sey,
Ca já vos eu desẽparey
En guisa, se deos mi perdon,
Que non ey de vos ben fazer
Pero m' eu quisesse poder.

Meu amigo ven oj' aqui,
E diz que quer migo falar,
E' sab' el que mi faz pesar,
Madre, poys que lh' eu defendi,
Que non fosse per nulha ren
Per hu eu foss', e ora ven

Aqui e foy pecado seu
De sol poner no coraçon,
Madre, passar minha defenson.
Ca sab' el que lhi mandey eu
Que non fosse per nulha ren
Por hu eu foss', e ora ven

Aqui, hu eu con el faley
Perante vós madr' e senhor,
E oy mays perd' o meu amor
Poys lh' eu defendi, e mandey
Que non fosse per nulha ren
Por hu eu fosse, e ora ven
Aqui, madre, e poys fez mal sen
Dreyt' é que-perca meu ben.

Quisera vosco falar de grado,
Ay! meu amig' e meu namorado,
Mays non ous' ieu con vos c' a falar
Ca ey muy grã medo do hirado,
Hirad' aja deos quen me lhi foy dar.

En cuydados de mil guysas travo
Por vos dizer o con que m' agravo,
Mays non ous' ieu convosc' a falar,
Ca ey muy grã medo do mal bravo;
Mal brav' aja deos quen me lhi foi dar.

Gran pesar ey, amigo, sofrudo
Por vos dizer meu mal ascondudo

Mays non ous' ieu convosc' a falar;
Ca ey mũy grã medo do sanhudo;
Sanhud' aja deos quen me lhi foy dar.

Senhor de meu coraçon, cativo
Sodes em eu viver con que vivo
Mays non ous' yeu convosc' a falar;
Ca ey muy grã medo do esquivo,
Esquiv' aja deos quen me lhi foy dar.

Vy vos, madre, con meu amig' aqui
Oje falar, e ouv' en gran prazer
Porque o vi de cabé vós erguer
Led' e tenho que mi faz deos ben hi,

Ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
Non pode seer senon por meu ben.

Ergueo-sé ledo e ryo já que é
O que muy grã temp' a qu' el non fez,
Mays poys já esto passou esta vez,
Fiqu' end' eu leda, se deos ben me dé,
Ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
Non pode seer senon por meu ben.

El pos os seos olhos nos meos enton,
Quando vistes que xi vos espedio,
E tornó contra vós led' e rio;
E por end' ey prazer no coraçon,

Ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
Non pode seer senon por meu ben.
E pero m' eu da fala non sey ren,
De quant' eu vi, madre, ey grã prazer en.

Gram tenp' a, meu amigo, que non quis deos,
Que vos veer podesse dos olhos meos
E non pon con tod' esto en mi os seos
Olhos, minha madre; amig' e poys est assy,
Guisade de nos hirmos, por deos, d'aqui,
E faça minha madr' o que poder deshy.

No vos vi a grã tempo, nen se guisou,
Ca o partio minha madr' a quen pesou

Daqueste preyt' e pesa, e me guardou,
Que vos non viss' amig' e poys est assy
Guisade de nos hirmos, por deos, d'aqui,
E faça minha madr' o que poder deshy.

Que vos non vi a muyto, e nulha ren
Non vi des aquel tempo de nẽhũ ben,
Ca o partio minha madre, e fez poren
Que vos non visse' amig' e poys est assy
Guisade de non hirmos, por deos d'aqui,
E faça minha madr' o que poder deshy :
E se non guisardes muy ced' assy,
Matades vos, amig' e matades mi.

Valer vos hya, amigo se o ieu ousasse,
Mays vedes quen mho tolhe daquest'é non al
Minha madre, que vos a mortal
Desamor, e con este mal de morrer non me pesa.

Valer vos hya deos, meu ben,
Se eu ousase mays vedes quen
Mi tolhe de vos non valer
Minha madre que en d'o poder
E vos sabe grã mal querer.

Para veer meu amigo
Que talhou preyto comigo
Alá vou, madre.

Pera veer meu amado
Que mig' a preyto talhado
Alá vou, madre.

Que talhou preyto comigo
É por esto que vos digo:
Alá vou, madre.

Que migo preyt' a talhado
E por esto que vos falo
Alá vou, madre.

Chegou mh' amiga recado
Daquel che quero gram ben,
Que poys que viu meu mandado
Quanto pode viir, ven;
E and' eu leda poren
E fazo muyto aguysado.

El ven por chegar coytado
Ca sofre grã mal d'amor,
E anda muyt' alongado
D'aver prazer, nẽ sabor,
Senon ali hu eu for
Hu é todo seu cuydado.

Por quanto mal a levado
Amiga razon farey
De lhi dar en d'algũ grado,
Poys vẽ como lh' eu mandey,
E logu' el será ben sey
Do mal guarid' e cobrado,
E das coytas que lh' eu dey
Desque foy meu namorado.

De morrerdes por mi gram direyt' é
Amigo, ca tanto pareç'eu ben,
Que desto mal grad' ajades vos en
E deos bon grado, ca per boa fé
Non é sen guisa de por mi morrer
Quen muy ben vyr este meu parecer.

De morrerdes por mi non vos dev' eu
Prou grado poer, ca esto fará quen quer,
Que ben cousir parecer de molher,
E poys mi deos este parecer deu,
Non é sen guisa de por mi morrer
Quen muy ben vyr este meu parecer.

De vos por mi amor assy matar
Nunca vos desto bon grado darey,
E meu amigo, mays vos eu direy:
Poys me deos quis este parecer dar
Non é sen guisa de por mi morrer
Quen muy ben vyr este meu parecer,
Que mi dios deu, e podedes creer
Que non ey ren que vos hi gradecer.

Ma madr' é velyda,
Vou m' a la baylia
Do amor.

Mha madr' é loada,
Vou m' a la baylada
Do amor.

Vou m' a la baylia
Que fazen en vila
Do amor.

Que fazen en vila
Do que eu ben queria
Do amor.

Que fazen en casa
Do qu' eu muyt' amava
Do amor.

Do qu' eu ben queria
Chamar m'ã garrida
Do amor.

Do qu' eu muyt' amava
Chamar m' ã perjurada
Do amor.

Coytada vyv' amigo
Porque vos non vejo

E vos vyvedes coytad'e cõ grã desejo
De me veer, e me falar, e poren sejo
Senpr' en coyta tan forte,
Que non m' é senon morte.
Com' é que viv' amigo
En tam gram desejo?

Por vos veer, amigo, vyv' eu tã coytada,
E vós por mi veer, que oy mays non é nada
A vida que fazemos, e maravilhada
Sõo de como vivo sofrendo tal esquivo
Mal, ca mays valeria de non seer nada.

Por vos veer, amigo, non sey quẽ sofresse
Tal coyta, qual eu sofr' e vós que non morresse

E con aquestas coytas eu quen non nacesse.
Non séy de mĩ que seja,
E da mort' ey enveja
A tod' omẽ ou molher, que ja morresse.

O voss' amig' ay ! amiga,
De quẽ vós muyto fiades,
Tanto quer' eu que sabhades
Que hũa que deos maldiga
Volo ten louco e tolheyto,
E moyr' end' eu con despeyto.

Non ey ren que vos asconda,
Nen vos será encoberto,

Mays sabede ben por certo
Que hũa que deos confonda
Volo ten louco e tolheyto
E moyr' end' eu con despeyto.

Non sey molher que se pague
De lh'outras o seu amigo
Filhar, e poren vos digo
Que hũa que deos estrague
Volo ten louco e tolheyto
E moyr' end' eu con despeyto
E fazo muy grã dereyto,
Poys quero vosso proveyto.

Ay! fals' amig' e sen lealdade
Ora vej' eu a grã falsidade

Con que mi vós a grã temp' andastes;
Ca d'outra sey eu já por verdade
A quen vós a tal pedra lançastes.

Amigo falso e muit' encuberto
Ora vej'eu o grã malderto
Con que me vós a grã temp' andastes;
Ca d'outra sey eu já ben por certo
A quen vós a tal pedra lançastes.

Ay! fals' amig' eu non me temia
Do gram mal, e da sabedoria
Com que me vós a gran temp' andastes;
Ca d'outra sey eu que o ben sabia,
A quen vós a tal pedra lançastes,

E de colherdes, razon seria,
Da falsidade que semeastes.

Meu amigo u sejo
Nunca perco desejo
Senon quando vos vejo:
E poren vivo coytada
Con este mal sobejo
Que sofr' eu ben talhada.

Viver que sen vós seja,
Senpr' o meu cor deseja
Vos, ata que vos veja
E por en vivo coytada

Con gran coyta sobeja
Que soffr' eu ben talhada.

Non é senon espanto
Hu vos non vejo, quanto
Ey desej' e quebranto.
E poren vivo coytada
Con aqueste mal tanto
Que soffr' eu ben talhada.

Por deos punhade de veerdes meu
Amigo, amiga que aqui chegou,
E dizede-lhi, pero me foy greu
O que m'el já muytas vezes rogou,

Que lhe faria end' eu o prazer,
Mays tolhe m'ende minha madr' o poder.

De o veerdes gradecer volo ey,
Ca sabedes quant' a que me servio,
E dizede lhi pero lh' estranhey
O que m'el rogou, cada que me vio,
Que lhe faria end'eu o prazer,
Mays tolhe m'ende minha madr'o poder
Por aquesto non ey eu o poder
De fazer a mi ou a el prazer.

Amiga quen vos ama
Vos é coytado

E se por vosso chama ,
Desque foy namorado
Non vio prazer sey o eu
Poren ja morrerá
E por aquesto m'é greu.

Aquel que coyta forte
Ouve des aquel dia
Que vos el vio, que morte
Lh' é, por Santa Maria,
Nunca vio prazer, nen ben
Poren ja morrera
A mi pesa muyt' en.

Amigo, poys vos non vi,
Nunca folguey, nen dormi,
Mays ora já desaqui
Que vos vejo, folgarey,
E verrey prazer de mi
Poys vejo quanto ben ey.

Poys vos non pudi veer
Ja mays non ouv' y lezer
E hu vos deos non quis trager
Que vos vejo, folgarey,
E veerey de mi prazer,
Poys vejo quanto ben ey.

Desque vos non vi de ren

Non vi prazer, e o sen
Perdi, mays poys mh' aven
Que vos vejo, folgarey,
E veerey todo meu ben,
Poys vejo quanto ben ey.

De vos veer a mĩ praz
Tanto que muyto e assaz,
Mays hu m'este ben deos faz
Que vos vejo, folgarey,
E averey gran solaz.
Poys vejo quanto ben ey.

Poys que diz meu amigo
Que se quer hir comigo,

Poys que d' el praz,
Praz a mi ben vos digo
E este é o meu solaz.

Poys que diz que todavia
Non hymos nossa via,
Poys que a el praz
Praz m' evy' hi bon dia
Este é o meu solaz.

Poys de me levar vejo
Que est' é o seu desejo
Poys que a el praz,
Praz me muyto sobejo
Este é o meu solaz.

Por deos, amiga, pes vos do grã mal
Que dizend' anda aquel meu desleal,
Ca diz, de mi, e de vós outro tal
Andand' a muytos que lhe fiz en ben,
E que vós soubestes tod' este mal,
De que eu nen vós soubemos ren.

De vos en pesar é muy grã razon,
Ca dizend' anda muy grã trayzon
De mi, e de vós, se deos lhe perdon,
Hu se louva de mi, que lhe fiz ben,
E que vós soubestes end' a razon,
De que eu, nen vós non soubemos ren.

De vos en pesar dereyto per' é
Ca diz de mi grã mal, per boa fé,
E de vós, amiga, cada hu s' é
Falando; ca diz que lhe fiz eu ben,
E ca vós soubestes todo com' é,
De que eu, non vos nen soubemos ren.

Falou m' oje o meu amigo,
Muy ben, e muyto humildoso
No meu parecer fremoso,
Amiga, que ey migo;
Mays pero tanto vos digo
Que lhe non torney recado
Ond' el ficasse pagado.

Disse m' el amiga quanto
M'eu melhor ca el sabia,
Que de quã ben parecia
Que no dera seu quebranto,
Mays pero sabede tanto
Que lhe non torney recado
Ond' el ficasse pagado.
E foy s'end' el tã coytado
Que tom' end' eu cuydado.

Disse m' el : senhor creede
Que a vossa fremusura
Mi faz gram mal sen mesura,
Por en de mi vos doede.
Mays pero sabede tanto
Que lhi non tornei recado,
Que el ficasse pagado

E foiss' end' el tã coytado.
Que tom' end' eu ja cuidado.

Vay s'o meu amig' alhur, sen mi, morar
E par deos, amiga, ey end' eu pesar;
Porque s' ora vay, e no meu coraçon
Tamanho que esto non é de falar
Ca lho defendi, e fazo gram razon.

Defendi lh' e u que se non fosse d'aqui
Cá todo meu ben perderia por hy
E ora vay s' e faz mi grã traiçon,

E des oy mays que seja de mi
Non vej' y, amiga, se morte non.

Não sey oj' amigo quen padecesse
Coyta qual padesco que non morresse
Senon eu coytada que non nacesse;
Porque vos non vejo com' eu queria,
E quisesse deos que me scaecesse,
Vós que vi, amig' en grave dia.

Non sey, amigo, molher que passasse
Coyta qual eu passo que durasse

Que non morresse, ou desesperasse;
Porque vos non vej' eu como queria,
E quisesse deos que me non nembrasse
Vós que vi, amig' en grave dia.

FIM.

PARIZ. — NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FAIN E THUNOT,
Rua Racine, 28, junto ao Odeon.

JAN 14 1903

LIBRARY OF CONGRESS
0 029 561 854 1